



UNILASALLE

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DÓRES DÉLIA MARKS

**FRACASSO ESCOLAR: ESTUDO COM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS
PSICOATIVAS NO CAPS AD NORDESTE
NA CIDADE DE CANOAS - RS**

CANOAS, 2012

DÓRES DÉLIA MARKS

**FRACASSO ESCOLAR: ESTUDO COM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS
PSICOATIVAS NO CAPS AD NORDESTE
NA CIDADE DE CANOAS – RS**

Dissertação apresentada para a Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Curso de Mestrado em Educação do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Cultura e Ação Pública.

Orientação: Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola

CANOAS, 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M345f Marks, Dóres Délia

Fracasso escolar: [manuscrito] estudo com dependentes de substâncias psicoativas no CAPS AD NORDESTE na cidade de Canoas – RS / Dóres Délia Marks. – 2012.

99 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Balduino Antônio Andreola.”

1. Educação. 2. Fracasso escolar. 3. Exclusão 4 Drogas. I. Andreola, Balduino Antônio. III. Título.

CDU: 376.5-057.87

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço aos meus familiares, esposo André e filhos Larisse, Tatiane e Renan pela estima e paciência que dispensaram a mim, durante esse período de ausência ao convívio familiar.

Agradeço a minha mãe, Acilda Marks, pelo apoio a mim concedido em vários momentos da minha vida e a minha irmã Neusa Arlet Marks pela confiança e pelo desprendimento ao permanecer ao meu lado nesses momentos de término deste estudo.

Ao meu orientador Prof. Dr. Balduino Antônio Andreola pelo apoio, amizade e consideração demonstrada ao longo desta jornada.

Também, ressalto a importância dos ensinamentos dos Professores do Curso de Mestrado em Educação e das trocas de conhecimento realizadas entre os colegas durante o curso.

Agradeço a Itor José Koch pela colaboração na estruturação dos dados pesquisados.

Obrigada a todos os pacientes do CAPS ad Nordeste, integrantes desta pesquisa, sem os quais este estudo não teria sido realizado.

Agradeço à diretora de Saúde Mental da Secretária Municipal de Saúde de Canoas/RS, Sra. Rosane Kern, que possibilitou a pesquisa nesse Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas.

“O saber é um ato de liberdade, porque nenhuma verdade vem do exterior, e sim construída pelo sujeito”.

(Immanuel Kant)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo conhecer algumas características do paciente do Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas e da possibilidade de relacionar o fracasso escolar no ensino fundamental ao início do uso de substâncias psicoativas. A população que foi pesquisada é composta de pacientes acolhidos no local referido acima, que está situado no bairro Igara, na Cidade de Canoas/RS. As abordagens adequadas a esse estudo foram a qualitativa e a quantitativa. A coleta de dados foi estruturada em duas etapas: na primeira etapa foi utilizado um roteiro investigativo para o levantamento de dados nos prontuários dos pacientes acolhidos, a partir dos quais foi elaborado o roteiro de perguntas relativas à vida escolar dos indivíduos. A análise de dados, baseada em Bardin, serviu para corroborar o entendimento de forma concreta e não mais empírica, isto é, que o uso de substância psicoativa contribui para a repetência e a evasão escolar e que esse fracasso escolar frustra o jovem quanto aos seus anseios de concretizar os estudos e o uso de drogas acrescenta mais um problema ao seu desenvolvimento enquanto ser humano.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Exclusão. Substância Psicoativa. Usuário. Dependência.

ABSTRACT

This study aims to get to know some characteristics of the patient of the Alcohol and Drugs Psychosocial Attention Centre, and the possibility of relating school failure in fundamental level with the starting of the using of psychoactive substances. The population of this survey is based on patients attended on this local, which is situated in Igara neighbourhood, in the City of Canoas, Rio Grande do Sul. The approaches appropriate to this study were qualitative and quantitative. Data collection was structured in two stages: the first stage was used for the investigative survey data from medical records of the patients received, from which it was prepared script of questions relating to school life of individuals. Data analysis based on Bardin, served to corroborate the understanding concretely and not empirical, that is, the psychoactive substance use contributes to repetition and dropout and school failure that frustrates the young as their expectations to realize studies and drug use adds another problem to your development as a human being.

Key-words: School failure. Exclusion. Psychoactive substance. User. Dependency.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Rede de Atenção à Saúde Mental.....	55
Gráfico 01- Percentual segundo o sexo dos dependentes.....	63
Gráfico 02 - Percentual conforme a faixa etária.....	63
Gráfico 03 - Percentual de acordo com o estado civil.....	64
Gráfico 04 - Percentual segundo o grau de instrução.....	65
Gráfico 05 - Percentual conforme a procedência.....	66
Gráfico 06 - Percentual de com quem reside o dependente.....	67
Gráfico 07 - Percentual conforme histórico familiar de dependência.....	68
Gráfico 08 - Percentual de acordo com a idade de início de uso do SPA.....	69
Gráfico 09 - Percentual segundo o primeiro uso de SPA.....	69
Gráfico 10 - Percentual segundo a substância usada no acolhimento.....	70
Quadro 01 - Caracterizações dos entrevistados.....	71
Quadro 02 - Vida escolar, o início e evolução do uso de SPA.....	72

LISTA DE SIGLAS

CAGE	Instrumento de medida para detectar abuso ou dependência do álcool
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS ad	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas
CEBRID	Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas
CID-10	Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SENAD	Secretaria Nacional Antidrogas
SENASP	Secretaria Nacional de Segurança Pública
SPA	Substância Psicoativa
SUPERA	Sistema para detecção do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento
SUS	Sistema Único de Saúde
UNIAD	Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas
UNODC	Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A EDUCAÇÃO E O FRACASSO ESCOLAR	15
2.1	Origens históricas da educação	15
2.1.1	<i>A religião e os novos rumos da educação</i>	18
2.1.2	<i>A educação no século XVIII, o Iluminismo</i>	21
2.1.3	<i>Revolução Industrial, o capitalismo e as consequências na educação</i>	24
2.2	A escola no Brasil	27
2.2.1	<i>Educação básica</i>	31
2.3	O fracasso escolar	33
3	O SER HUMANO, O CUIDADO E AS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	36
3.1	O ser humano	36
3.2	A pessoa humana e o cuidado	39
3.3	Os jovens, a família e as drogas	40
3.4	Epidemiologia	43
4	METODOLOGIA	50
4.1	Caracterização do estudo	52
4.2	Campo de estudo	54
4.3	Participantes do estudo	57
4.4	Instrumentos para a coleta de dados	57
4.5	Procedimentos para a análise de dados	60
5	OS DADOS DA PESQUISA	62
5.1	Roteiro investigativo	62
5.2	Entrevista semi-estruturada	71
6	DISCUSSÃO DOS DADOS	74
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	89
	APÊNDICE A – Termo de consentimento para realização do estudo na CAPS ad	94
	APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido para os participantes da pesquisa	95
	APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semi-estruturada para participantes da pesquisa	98

APÊNDICE D – Roteiro Investigativo para participantes da pesquisa.....	99
---	-----------

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como tema a investigação sobre o fracasso escolar, a repetência e a evasão, no ensino fundamental, como consequência do uso de substância psicoativa por indivíduos acolhidos e em tratamento no Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas Nordeste, no bairro Igará, na cidade de Canoas/RS. O estudo está inserido na linha de pesquisa “Gestão, Educação e Políticas Públicas” do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação. A linha de pesquisa:

Investiga a gestão de sistemas de ensino e/ou de instituições educativas, no contexto das políticas públicas sociais, considerando as diferentes concepções teóricas de estado e de cidadania. Focaliza os mecanismos de produção das desigualdades sociais e educacionais, confrontando-as com as políticas públicas sociais. Desenvolve pesquisas para subsidiar diagnósticos, análises, proposições, programas e projetos nas áreas das políticas públicas (UNILASALLE, 2012).

A realização desta pesquisa foi impulsionada pela relevância do tema do fracasso escolar concomitantemente com o uso de drogas lícitas e ilícitas, e pela minha experiência no trabalhar com dependentes químicos no CAPS ad. As drogas estão cada vez mais inseridas na sociedade e é necessário que seus mecanismos sejam conhecidos. Entendo que há necessidade de maiores estudos nas variáveis que abrigam o mundo das drogas, entre elas, a descontinuidade dos estudos.

Pesquisar sobre o fracasso escolar é problematizar a perda de múltiplas oportunidades futuras dos jovens que desistem da escola. Essa exclusão da educação muitas vezes marginaliza o jovem que, neste estudo, é o adulto acolhido no CAPS ad.

A competição desenfreada no campo do trabalho exige que o indivíduo continue a estudar, porém nem todos possuem condições financeiras que lhes proporcionem essa continuidade. Nessa luta pela sobrevivência, muitas perdas são sentidas, entre elas, os laços afetivos. Se antes os avós cuidavam dos netos, hoje os avós aposentam-se mais tarde ou dão continuidade ao trabalho. As crianças cedo estão nas escolinhas iniciando seus estudos, enquanto os genitores precisam trabalhar, delegando aos professores e a outros, a educação dos seus filhos. A consequência desse desapego familiar é a instabilidade emocional dos filhos que

imaturos prolongam a adolescência, não assumindo responsabilidades necessárias e compatíveis com o indivíduo adulto.

Os usuários e seus familiares que chegam ao CAPS ad têm em sua história um caminho de sofrimento. Quanto ao perfil, observo que o uso e dependência de substâncias psicoativas ocorrem em todas as faixas etárias, desde o jovem adolescente ao indivíduo de meia idade. Independente da faixa etária, o grau de escolaridade é majoritariamente do ensino fundamental incompleto.

Analisando os poucos anos de estudo desses pacientes acolhidos nesse local, e querendo entender o que ocasionou essa exclusão dos bancos escolares, pensei em investigar as causas e, se elas estariam relacionadas ao uso de drogas lícitas e ilícitas. O fracasso no ensino está associado à reprovação e à evasão escolar, bem como aos baixos índices de aprendizagem. Na escola, o fracasso tem como consequência a indisciplina, a diminuição do comprometimento dos professores com os alunos e certo descrédito dos pais em relação à qualidade da instituição de ensino.

Outro aspecto com o qual me deparei, foi a evolução do uso para o abuso de substâncias psicoativas das lícitas para ilícitas, levando conseqüentemente a um maior grau de dependência. Os pacientes acolhidos nos últimos meses, em sua grande maioria, são usuários de múltiplas drogas, entre as quais, o crack.

Percebo também a necessidade da família estar presente durante o tratamento do usuário, de adquirir entendimento do modo de agir e enfrentar as mudanças comportamentais do paciente quando intoxicado, os riscos possíveis para a recaída, e também, reconhecer no usuário os sintomas do uso das substâncias lícitas e ilícitas.

Por meio destas experiências vivenciadas, questioneei se poderia com este estudo obter novos conhecimentos que resultassem na prevenção da exclusão escolar.

Preocupada com tais questões, esbocei o seguinte problema a ser investigado: O fracasso escolar, em usuários do CAPS ad, está relacionado com o início do uso de substâncias psicoativas?

Como objetivo mais abrangente da pesquisa me propus analisar a ocorrência de fracasso escolar em pacientes do CAPS ad e da possibilidade de relacionar esse fracasso ao início do uso de substâncias psicoativas. Quanto aos objetivos específicos, destaco a identificação na história de vida do paciente do CAPS ad os

fatores que possam ter contribuído para o fracasso escolar e a relação do início do uso de drogas como possível fator decisivo do fracasso escolar.

O campo de investigação foi o Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas Nordeste, situado no bairro Igara, na Cidade de Canoas/RS. O CAPS ad Nordeste é destinado aos usuários de álcool e outras drogas, implantado através de um programa do Ministério da Saúde que os cadastra e passa a financiar seu funcionamento o que acontece por meio de repasse aos municípios dos gastos realizados nos tratamentos.

A abordagem metodológica adequada à interpretação e análise do objeto deste estudo está fundamentada na pesquisa qualitativa, que tem por objetivo a compreensão do comportamento dos indivíduos, e no modelo quantitativo de coleta de dados.

Para efetivação desta pesquisa foram utilizados os prontuários dos usuários acolhidos nesse CAPS ad, que permitiram dimensionar o perfil do usuário para dar prosseguimento na etapa seguinte com a entrevista semi-estruturada aplicada a 10 pacientes.

O referencial teórico que ratifica este estudo foi construído a partir das contribuições dos pressupostos teóricos de autores que abordam questões de reconhecida importância, pertinentes à educação e ao fracasso escolar, e o uso de drogas, destacando-se entre eles: Aranha (2006), Patto (2010), Perrenoud (2001), Secretária Nacional Anti-Drogas – SUPERA (2006), entre outros.

Em decorrência do que foi exposto, acredita-se que o estudo se justifica devido às motivações pessoais da pesquisadora e a relevância acadêmico-científica. Quanto às motivações pessoais da pesquisadora, pensa-se que o olhar cuidadoso frente à prática profissional, propiciou esta busca investigativa pelo entendimento das causas que este estudo tem por objeto. Em relação à relevância acadêmico-científica, pontua-se que:

Investigar a relação escola, exclusão e uso de drogas tem sua importância dado ao crescente consumo de drogas lícitas e ilícitas pela população, tanto de jovens como de adultos, que iniciam o uso pelo álcool e maconha, e evoluem rapidamente para outras drogas de grau de dependência maior, como o crack. Estar dependente da droga é perder a liberdade do querer ou não querer.

Nem a violência nem o poder são fenômenos naturais, isto é, uma manifestação do processo vital; eles pertencem ao âmbito político dos negócios humanos, cuja qualidade essencialmente humana é garantida pela faculdade do homem para agir, a habilidade para começar algo novo. E penso que pode ser demonstrado que nenhuma outra habilidade humana sofreu tanto com o progresso da época moderna, pois o progresso, como viemos a entendê-lo, significa crescimento, o processo implacável de ser mais e mais, maior e maior (ARENDR, 2009, p. 103).

Muitas conferências, fóruns estão sendo realizados para a prevenção e o uso de substâncias psicoativa lícitas e ilícitas, em uma tentativa de conscientizar a população para o uso e a gravidade das dependências. Encontrei muitos artigos sobre o uso de drogas e a relação com as defasagens no aprendizado.

Na consulta ao Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior (CAPES), localizei vários trabalhos relacionados ao uso de drogas e as dificuldades na escola, mas não houve uma abordagem pertinente ao tema aqui proposto que é o fracasso escolar e o início do uso de substância psicoativa com pacientes do CAPS ad.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro Capítulo apresenta-se o contexto do trabalho. No 2º sistematiza-se os pressupostos teóricos que analisam as origens da educação e o fracasso escolar. E continua-se esse aprofundamento teórico acerca do ser humano, do cuidado e das substâncias psicoativas no 3º Capítulo.

O quarto Capítulo versa sobre a metodologia utilizada na realização da pesquisa e as formas de procedimento, cujos resultados aparecem no quinto Capítulo, partindo do roteiro investigativo e os dados coletados do roteiro da entrevista semi-estruturada. Feito isso, no 6º Capítulo realiza-se a discussão dos resultados, relacionando os dados levantados com as contribuições dos autores pertencentes ao referencial teórico.

Segue o que faltava para o desfecho da investigação: as considerações finais, à guisa de conclusão.

2 A EDUCAÇÃO E O FRACASSO ESCOLAR

A idéia de fracasso escolar data do início do século XX. A segregação social e cultural esteve presente em todos os tempos na instituição escolar. Nas gerações de uma família, uma minoria era favorecida pelo acesso à cultura, sendo o fracasso mascarado devido à ausência total das crianças à escolarização. Neste segundo capítulo será desenvolvido o tema referente ao objeto de estudo deste projeto de mestrado que diz respeito ao fracasso escolar de pacientes, hoje adultos, que frequentam o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas – CAPS ad Nordeste, instalado no bairro Igara, na Cidade de Canoas/RS.

O fracasso escolar no ensino fundamental entre os pacientes do CAPS ad, é um estudo restrito à realidade desse local, porém, pode-se pensar como representativo ou como parte de um todo maior, que é o fracasso na escola de tantos outros jovens dependentes de substâncias psicoativas ou não usuários, pertencentes ao atual sistema social. Os termos carência e privação cultural estão interligados à exclusão social.

Os altos índices do “fracasso” escolar, assim chamada a repetência e a exclusão ou evasão escolar, estão “[...] em torno de 65%, chegando até 75% da sexta à oitava série” (SILVA, 2005, p. 33).

Para o entendimento do contexto da instituição escolar, sua estruturação no decorrer da história, bem como os processos de exclusão, cumpre realizar um breve relato sobre as origens da educação a partir de um contexto educacional filosófico.

2.1 Origens históricas da educação

A idade moderna é o início da institucionalização da escola, instigada pela passagem do modelo econômico e social do feudalismo para o capitalismo burguês e pela atuação das igrejas católica e protestante. Desde o começo o que vigorou, com poucas exceções, foi o elitismo, a exclusão da maioria da população, que ao ascender à escola, não tem o mesmo tipo de educação.

A instituição escolar, sua natureza e importância diversificaram no tempo, atendendo às necessidades socioeconômicas dos grupos em que esteve inserida.

A escola não existia nas sociedades tribais, sendo os próprios membros do grupo que fomentavam a educação.

No momento em que a produção de bens supera o necessário para o consumo diário, a estrutura da sociedade é modificada, ocorrendo então a divisão de tarefas o que vai acentuar as diferenças entre os segmentos sociais. O saber coletivo das sociedades tribais dá lugar ao segmento mais rico como eminente forma de fortalecimento do poder.

Na Antiguidade grega, no tempo em que não havia a escrita, quem ministrava a educação era a própria família, de conformidade com a tradição religiosa. Anteriormente a Sócrates e Platão:

Os sofistas já eram educadores profissionais, voltados para o ensino da arte de moldar bons cidadãos, da arte da política. Eles desenvolveram a dialética, como arte argumentativa, possibilitando a vitória em qualquer debate [...] dedicaram-se também à retórica, arte de falar, complemento da arte de persuadir (MORANDI, 2008, p. 36).

A partir do momento em que se constituiu a aristocracia dos senhores de terras, de formação guerreira, os jovens da camada superior, a elite, eram destinados a receber educação de preceptores. Segundo Aranha (2006, p.112):

[...] com o surgimento das pólis apareceram as primeiras escolas, por volta do final do século VI a.C, visando a atender a demanda por educação. No período clássico (séculos V e IV), sobretudo em Atenas, a instituição escolar já se encontrava estabelecida.

Morandi (2008), ao escrever sobre a visão que Platão tem da pedagogia, considerada como a arte de moldar os cidadãos e que, segundo ele, deveria ocorrer nas cidades. Os princípios educativos da Academia de Platão tinham a finalidade de introduzir o cidadão na política. Recriar a organização da cidade estruturando os papéis dos indivíduos de acordo com os graus de conhecimento, sendo que o primeiro papel seria dos filósofos-governantes, únicos detentores do verdadeiro saber. Os diálogos platônicos atentam que nada se aprende sozinho, que o saber é produzido pela interferência de dois pensamentos, de uma dupla lógica. Os diálogos correspondem à forma de pensamento que os permite unir, e segundo Sócrates, descobrir a verdade e ainda, que educar para a verdade não diria respeito à instrução; ensinar é interrogar; não dar um saber, mas permitir o acesso ao

questionamento, estabelecer um caminho da verdade, delegando ao aluno a revelação do saber.

Para Aranha (2006), a palavra *scholé*, escola em grego, é definida como, “o lugar do ócio”, seria o ócio digno, como a disponibilidade de tempo para gozar do tempo livre, privilégio daqueles que não precisavam preocupar-se com a própria subsistência, a elite, que se ocupava com as funções nobres de pensar, governar e guerrear. Sendo assim, mesmo que ampliassem a oferta de educação, implicando em uma maior democratização da cultura, a educação continuava elitizada, servindo aos jovens de famílias tradicionais da nobreza ou de famílias de ricos comerciantes.

Em torno do século VI, na Idade Média, fundaram-se escolas nos mosteiros com a intenção de transmitir conhecimento aos noviços. As escolas lecionavam latim e humanidades, e os melhores alunos prosseguiram nos estudos de filosofia e teologia. A partir do século XI, com o florescimento urbano, essa forma de educação monástica passa a ser contestada pelo excesso de formalismo, e de acordo com o interesse da burguesia comercial e ascensão, surgem alternativas de Escolas abertas e até itinerantes, que não possuíam acomodações adequadas ou fixas. O mestre recebia os alunos em locais diferenciados: na própria casa, na igreja, na esquina de uma rua ou alugava uma sala. Quanto à educação superior, as universidades começaram a surgir a partir do século XI e no final da Idade Média já contavam com mais de oitenta instituições.

Tanto a escola da Antiguidade, como a escola da Idade Média, atuavam partilhando com a família. À escola era atribuída a instrução mais que a formação integral do aluno. De acordo com Aranha (2006, p. 112), “a escola não constituía um instrumento de ação educacional preponderante nem uma instituição tão rigorosa quanto se tornaria mais tarde”.

No Renascimento e na Idade Moderna a instituição escolar tornou-se mais complexa, sendo um período em que era exigido dos alunos o confinamento em internatos, a divisão por faixa etária, a graduação em séries, a organização em currículos e o recurso dos manuais didáticos. Através dessas mudanças houve uma maior produção teórica de pedagogos no sentido de orientar a nova prática. Era algo novo que definiria o nascimento da escola, como a conheceríamos até os dias de hoje.

A institucionalização da escola na Idade Moderna inaugurou o chamado paradigma da modernidade caracterizado:

[...] por uma nova era social, política, econômica, cultural representada pelo fortalecimento do Estado e das monarquias nacionais, pela urbanização crescente, pela ascensão da burguesia, pela revolução científica e pelo racionalismo filosófico (ARANHA, 2006, p. 113).

A nascente burguesia passou a estender suas preocupações à escola, devido ao crescente olhar diferenciado à família e à criança (novo sentimento de infância e novo sentimento de família), tentando “proteger” seus filhos dos desvios do mundo, dando-lhes uma educação sólida. Por essa época havia forte rejeição à escola medieval, de cunho religioso, contemplativa. Reivindicava-se, então, uma escola em transformação, realista, adaptada ao mundo moderno, pois a burguesia exigia outro tipo de educação, mais voltada para a vida e com o olhar no futuro.

Não somente as mudanças no modo de ver a educação pela ascendente burguesia, mas a ruptura da hegemonia da Igreja Católica foi outro fator desencadeante de reações que influenciaram a condução da educação até nossos dias.

2.1.1 A religião e os novos rumos da educação

No século XVI, com a Reforma Protestante iniciada por Lutero e Calvino, rompe-se a hegemonia da Igreja Católica. Os católicos reagem com o movimento da Contra-Reforma. Em decorrência dessa divisão, durante os séculos XVI e XVII os colégios foram estruturados pelas ordens religiosas, tanto as que seguiam a Reforma como as católicas.

Lutero, participante da Reforma, acreditava que as pessoas (homens e mulheres) deveriam aprender a ler para que pudessem ter acesso à Bíblia. Considerava que a escola primária deveria ser implantada para todos. Seguiu o espírito do humanismo, repudiando os castigos físicos, a Escolástica decadente e a filosofia medieval. E ainda, segundo Aranha (2006, p. 113): “Propunha jogos, exercícios físicos, música, valorizava os conteúdos literários e recomendava o estudo de história e de matemática”.

Segundo Aranha (2006), para combater a Reforma de Lutero e Calvino a Igreja Católica reagiu com a Contra-Reforma, tentando frear a expansão do credo protestante. A Contra-Reforma detinha como expoente mais importante a Ordem religiosa da Companhia de Jesus, cujos seguidores são conhecidos como jesuítas.

Era uma ordem de rígida disciplina militar, tendo como objetivo a propagação missionária da fé, a luta contra os heréticos e infiéis. A prática pedagógica desenvolvida pelos jesuítas impunha uma orientadora disciplina rigorosa quanto à atuação dos professores e privilegiavam a tradição clássica, sendo o latim preferido às línguas vernáculas. Indiferentes às críticas feitas à filosofia medieval, permaneceram voltados ao pensamento filosófico de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino. Não aceitaram as descobertas científicas de Galileu e Kepler. Ignoraram e condenaram Descartes. E pouca importância foi dada à matemática, à história, à geografia. Os jesuítas espalharam-se pelo mundo, desde a Europa, Ásia, África e a América. Inúmeros são os colégios e universidades fundados por eles.

A escola tradicional com suas linhas mais rígidas teria surgido desse universo pedagógico, separado da vida. Era concebida maior valorização à clausura, à renúncia, ao sacrifício e à imposição da disciplina através de maior vigilância. O esforço individual era estimulado através de atividades competitivas, como torneios intelectuais e constantes emulações, incentivadas através de premiações e punições.

Os colégios fundados pelas ordens religiosas organizaram uma escola onde a criança restringia sua convivência aos colegas de mesma faixa etária, não a deixando introduzir-se no mundo para não manter contato com os vícios, pois acreditavam que a natureza humana é má e corruptível e que a vigilância constante deveria ocorrer mesmo dentro da escola. Assim sendo:

[...] a educação se esforçava por disciplinar a criança e inculcar-lhe regras de conduta. Para melhor submetê-la aos rigores da hierarquia e da aprendizagem da obediência, intensificou-se o uso dos castigos corporais. Essa escola que nascia visava a controlar os impulsos naturais da criança, para lhe ensinar virtudes morais consideradas adequadas aos novos tempos (ARANHA, 2006, p. 114).

Além de uma formação moral rígida, havia para as crianças nessas escolas o trabalho, que era organizado através de um regime rigoroso e extenso, baseado nos estudos humanísticos, onde eram privilegiados a cultura grego-latina e o ensino dessas duas línguas em detrimento, muitas vezes, do ensino da língua vernácula. O objetivo maior era com a formação do homem culto e sua entrada e destaque nas cortes aristocráticas, esses seriam os motivos para a ênfase na gramática e na retórica.

Para os burgueses uma formação adequada lograria ganhos a seus filhos, possibilitando-lhes a ascensão social e política, auxiliando-os a obter postos na administração pública, pois tinham o intuito de, no futuro, tornarem-se a classe dirigente. No Brasil Colônia, desde o início, os jesuítas estiveram presentes marcando a formação do povo, ora na educação dos colonos e, em outro momento, na catequização dos indígenas.

Apesar das escolas, em sua maioria, permanecerem ligadas aos jesuítas, nova tendência se delineava, mais realista com o ambiente do período, buscando um saber mais ativo chamado de realismo pedagógico. O realismo pedagógico afirma Aranha (2006), considerava que “a educação devia partir da compreensão das coisas e não das palavras, exigia uma nova didática”. Na instauração dessa nova escola empenharam-se tanto educadores leigos como religiosos progressistas. A mudança do ensino se daria não só quanto à antiga didática, mas também quanto ao conteúdo repassado. Essa nova vertente leiga desejava a secularização do pensamento de acordo com o movimento humanista, que era contrário à visão religiosa do mundo.

No século XVII, a preocupação com a questão metodológica na pedagogia era sentida através da seguinte reflexão: “se há método para conhecer corretamente, existe método para ensinar de forma mais rápida e mais segura.” (ARANHA, 2006, p. 114). Essa reflexão foi partilhada por diversos teóricos, dentre os quais, João Amós Comênio (1592-1670), autor da obra *Didática magna*. Esse autor acreditava que o início de toda a aprendizagem deveria ocorrer através do conhecido, isto é, a partir das próprias coisas, valorizando a experiência e educando os sentidos. A inovação de Comênio ocorre ao defender a escola única, universal e a cargo do Estado. Em sua busca pela ordem, a qual é revelada pelo cuidado com o método que estrutura a aprendizagem, Comênio valoriza o papel do professor como controlador do processo, denotando ser um representante da escola tradicional.

O filósofo John Locke (1632-1704), além de criar os princípios da política liberal e, na teoria do conhecimento, defender as teses empiristas, também fez contribuições à pedagogia. Desenvolveu uma nova concepção de mente infantil e conseqüentemente de educação, onde o papel do educador era enfatizado como aquele que poderia proporcionar às crianças experiências promissoras auxiliando-as a usar corretamente a razão. Criticava o excessivo ensino do latim e a pouca ênfase com a língua vernácula e o cálculo. “Como representante dos interesses burgueses,

considerava importante o estudo de contabilidade e de escrituração comercial, visando à preparação mais ampla para a vida prática” (ARANHA, 2006, p. 115). Locke recusava a retórica e o excesso da lógica, considerava importante o estudo da história, geografia, geometria e ciências naturais.

2.1.2 A educação no século XVIII, o Iluminismo

Iluminismo ou Século das Luzes, onde luzes, tem como significado, o poder da razão humana para interpretar e estruturar o mundo. Foi um período marcante para as reflexões pedagógicas. Um aspecto importante na política educacional foi reforçar a necessidade de tornar a escola leiga e função do Estado. Recomendava o uso da língua vernácula no lugar do latim, bem como a orientação pedagógica voltada para as ciências, técnicas e ofícios. O objetivo dessa praticidade era proceder a mudanças nos estudos humanísticos. Nesse espírito, os filósofos franceses Diderot, D’Alembert, Voltaire, Rousseau e Helvetius encaravam o ensino:

[...] como veículo importante das luzes da razão e no combate às superstições e ao obscurantismo religioso, ainda que alguns mantivessem um viés aristocrático, isto é, acreditavam na capacidade de bem usar a razão como atributo de uma elite intelectual, como era o caso de Voltaire. Talvez, tais posições possam ser compreendidas como expressão do ideal liberal, mas voltado para os interesses da alta burguesia, temerosa de que a educação das massas desequilibrasse a ordem que então se estabelecia (ARANHA, 2006, p. 208).

Jean-Jacques Rousseau nasceu em 1712 na cidade de Genebra, na Suíça. Além de destacar-se na filosofia política, produziu uma teoria da educação, cujo pensamento constitui um marco na pedagogia contemporânea. Rousseau defendia o cidadão como sendo ativo e soberano, capaz de autonomia e que a liberdade e a obediência são complementos na vida do sujeito social e político. Do pensamento de Rousseau, quanto à relevância do sujeito, advém o crédito depositado na educação como necessária à soberania popular. Rousseau provocou “uma revolução copernicana na pedagogia: assim como Copérnico inverteu o modelo astronômico, retirando a Terra do centro, Rousseau centralizou os interesses pedagógicos no aluno e não mais no professor” (ARANHA, 2006, p. 208).

Nesse período em que a educação era tida como formadora do indivíduo para Deus ou para a vida em sociedade, Rousseau acreditava que o ser humano deveria

ser educado para si mesmo, buscando a verdadeira natureza, o ser homem. A pedagogia naturalista preconiza,

[...] uma educação afastada do artificialismo das convenções sociais, que busque a espontaneidade original, livre da escravidão aos hábitos exteriores, a fim de que o indivíduo seja dono de si mesmo, agindo por interesses naturais e não por constrangimento. A educação natural consiste também na recusa ao intelectualismo, reforçado no ensino tradicional muito formal e livresco. Para ele, [...] antes da 'idade da razão'(15 anos) já existe uma 'razão sensitiva'. Portanto, os sentidos, as emoções, os instintos e os sentimentos são anteriores ao pensar elaborado, e essas disposições primitivas são mais dignas de confiança do que os hábitos de pensamento inculcados pela sociedade (ARANHA, 2006, p. 209).

Além da educação naturalista, Rousseau recomenda a educação negativa, ao desconfiar da sociedade constituída. Receia que a educação da criança entre em contato com os vícios e a hipocrisia. Devido a essa sua preocupação acredita na importância de um preceptor para a educação da criança. Dessa forma, a criança poderá lidar melhor com seus desejos, conhecer seus limites, tornando-se um adulto dono de si mesmo.

Contrário à educação do seu tempo, onde prevalecia o autoritarismo, o adestramento e a adaptação da criança, Rousseau, apoiando-se na concepção da natureza humana, abria um novo caminho para buscar as forças originais da infância, sendo não só o precursor das pedagogias do final do século XIX, que valorizavam a atividade da criança, como a Escola Nova.

O principal filósofo do Iluminismo foi Immanuel Kant com suas reflexões pedagógicas encontradas no livro Sobre a pedagogia. Para Kant (2002), a educação ao desenvolver a faculdade da razão forma o caráter moral. Kant não pretendia reduzir a criança à passividade da obediência, mas que aprenda a agir com planos e submeta-se às regras. Quando une educação e liberdade, Kant redefine a relação pedagógica, reforçando a atividade do aluno, que deve aprender a pensar por si mesmo. O saber é um ato de liberdade, porque nenhuma verdade vem do exterior, e sim construída pelo sujeito. A pessoa moralmente livre, é um fim em si mesma, e não meio para coisa alguma, para alguém, nem mesmo para Deus. O homem sai da sua menoridade através da razão, isto é, ao libertar-se do jugo da tradição e da autoridade. Sobre o homem e a educação segundo Kant:

O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. Note-se que ele só pode receber tal

educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. [...] A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. [...] O homem tem necessidade de cuidados e de formação. A formação compreende a disciplina e a instrução (KANT, 2002, p. 443-446).

Johann Heinrich Pestalozzi foi conhecido como mestre, diretor e fundador de escola, sendo de seu interesse maior a educação elementar, sobretudo de crianças pobres. No ano de 1774 fundou uma escola onde recolhia crianças órfãs, mendigos e pequenos ladrões, aos quais oferecia formação geral e reeducação profissional por meio de trabalhos de fiação e tecelagem. Pestalozzi defendia a escola popular extensiva a todos. Acreditava na função social do ensino, não como simples instrução, mas como formação completa, onde a criança é levada à plenitude do seu ser. Para (PESTALOZZI apud ARANHA, 2006, p. 211):

[...] o indivíduo é um todo cujas partes devem ser cultivadas: a unidade espírito-coração-mão corresponde à tríplice atividade conhecer-querer-agir, por meio da qual se dá o aprimoramento da inteligência, da moral e da técnica. Daí a importância dos métodos para a organização do trabalho manual e intelectual: segundo ele, deve-se partir sempre da vivência intuitiva, para só depois introduzir os conceitos abstratos.

A criança, para Pestalozzi, tem potencialidades inatas, cujo desenvolvimento é perpetuado até a maturidade, como uma semente que germina e transforma-se em árvore. O professor seria o jardineiro, que não pode forçar o aluno, mas ministrar a instrução de acordo com as possibilidades de cada criança. A família é a base de toda a educação, é o lugar onde a criança ganha afeto e trabalho em comum.

Na história da evolução do homem, antes e durante a estruturação da sociedade, o homem sempre usou de meios para excluir o outro. Durante este breve histórico sobre a evolução do pensamento referente à educação vê-se o quanto a exclusão está presente, e que tantos filósofos e pedagogos contribuíram para pensar e organizar métodos que aprimorassem a educação. A universalidade da educação, defendida por Diderot no período da Revolução Francesa, seria a democratização do ensino, isto é, uma escola leiga e independente de classes. Com o início da Revolução Industrial, a educação anteriormente de formação acadêmica humanista, tem outras necessidades, a formação técnica especializada e a ciência.

2.1.3 *Revolução Industrial, o capitalismo e as consequências na educação*

Com a queda da monarquia durante a Revolução Francesa, novas idéias surgiram sobre cidadania. A burguesia, que triunfara sobre a aristocracia, incentivou o processo de industrialização, provocando transformações sociais que incitaram o confronto entre as classes sociais durante o século XIX. Além da revolução política francesa houve a revolução industrial inglesa, que em 1780 foi pioneira na construção do primeiro sistema fabril do mundo moderno. Sobre esse período (HOBSBAWM apud PATTO, 1999, p. 29):

[...] a grande revolução de 1789-1848 foi o triunfo da 'indústria' como tal, mas da indústria capitalista; não da liberdade e da igualdade em geral, mas da classe média ou da sociedade 'burguesa' liberal; não da 'economia moderna' ou do 'Estado moderno' mas das economias e estados em uma determinada região geográfica do mundo [...], cujo centro eram os estados rivais e vizinhos da Grã-Bretanha e da França.

Patto (1999), sobre as mudanças econômicas e políticas no século XVIII e primeiras décadas do século seguinte, relata que através do avanço do capitalismo, diversos mecanismos técnicos e políticos foram acionados, gerando o aumento do lucro e acumulação do capital; progressivamente há uma deterioração da vida do proletariado. A burguesia incorporou a idéia de um mundo novo na ordem social que estava sendo construída, um sonho de igualdade, fraternidade e liberdade, e que essas idéias aconteceriam na sociedade industrial capitalista liberal. Entretanto, nos primeiros anos do século XIX, o sonho havia terminado para alguns setores mais conscientes das classes trabalhadoras e para seus intelectuais.

O século XIX foi o apogeu da classe burguesa e da segregação do trabalhador braçal. Apesar da melhoria geral das condições e perspectivas de vida, advindas da nova organização social, a pobreza predominava, mesmo entre os operários especializados que possuíam uma vida de burguês. A crença em uma sociedade igualitária ainda persistia a nível político e cultural, porém, era cada vez mais visível a polarização social. O cidadão ideal era o homem bem sucedido aparentemente por habilidade e mérito pessoal e não por nascimento. Essa idéia "contribuía entre os vitoriosos na nova ordem, para o desenvolvimento da crença na liberdade individual num mundo racional como o valor máximo de onde adviriam

todos os resultados positivos em termos de progresso científico, técnico e econômico” (PATTO, 1999, p. 40).

O sucesso da industrialização e o desenvolvimento das ciências trouxeram algumas preocupações específicas à escola tradicional do século XIX. Por um lado, acentuou-se o dualismo escolar, que destina escolas de diferente qualidade para a elite e para o segmento popular operário; por outro, a necessidade de não restringir a formação dos jovens apenas às humanidades, mas estimular o estudo das ciências. (ARANHA, 2006, p. 213).

A política educacional, no século XIX, inicia por meio de três vertentes de mundo dominante na nova ordem social: a crença no poder da razão e da ciência; o projeto liberal de um mundo onde a igualdade de oportunidades substituiria a desigualdade baseada na herança familiar e a luta pela consolidação dos estados nacionais, intenção do nacionalismo vigente na vida política européia daquele período. Nas últimas décadas do século XIX foi a ideologia nacionalista que impulsionou uma política mais ofensiva de implantação de redes públicas de ensino em países europeus e da América do Norte. Supondo garantir a soberania nacional e popular numa sociedade de classes, a educação escolar recebeu uma fundamental missão:

[...] a ilustração do povo, a instrução pública universal, obrigatória, a alfabetização como instrumento-mãe que atingirá o resultado procurado. A escola universal, obrigatória, comum – e, para muitos leiga – será também o meio de obter a grande unidade nacional, será o cadinho onde se fundirão as diferenças de credo e de raça, de classes e de origem. (ZANOTTI apud PATTO, 1999, p. 42).

Para Patto (1999), a possibilidade de melhoria de vida dos pobres ocorreria através do sacerdócio, do magistério e da burocracia. Em decorrência da ampliação da máquina estatal ocorre um aumento na necessidade de funcionários públicos. A maioria da população não tinha acesso aos cargos burocráticos de maior prestígio, fazendo com que os cargos modestos já fossem considerados suficientes para contentar a categoria dos trabalhadores braçais. Nessas primeiras décadas do século XIX, a precariedade da rede de ensino público fundamental teve como função social a preparação de um pequeno contingente de funcionários públicos de médio e baixo escalão exigido pelo desenvolvimento do estado nascente. Nesse período, os sistemas de ensino atendem aos anseios da pequena e média burguesia e da

pequena nobreza. Nos setenta anos do século XIX, os sistemas de ensino não obtiveram o êxito desejado. “Apesar da vulgarização do livro e da ênfase na necessidade de uma língua nacional oficial, a imensa maioria da população mundial permaneceu analfabeta até por volta de 1870” (PATTO, 1999, p. 46).

Nas últimas décadas do século XIX segundo Aranha (2006), em diversos países o Estado passou a assumir os deveres com a educação em decorrência do embate sobre a escola pública. A industrialização necessitava de mudanças e exigia a qualificação da mão-de-obra. Devido a esse fato, foi necessário que a burguesia tomasse decisões em relação à instrução da grande massa ignorante, a quem temiam que subvertessem a ordem até então estabelecida. Os filhos da elite desfrutavam de uma educação humanística de tipo clássico, que os preparavam para os ofícios de governança, enquanto que para o povo cabia a educação elementar, restrita à instrução, como o ler, escrever e contar, própria daqueles preparados para trabalhar no chão das fábricas. O pensamento de que a classe social menos favorecida teria dificuldades com o aprendizado é preconizado em todos os períodos da história.

A crença na incompetência das pessoas pobres é generalizada em nossa sociedade. Às vezes, nem mesmo os pesquisadores munidos de um referencial teórico-crítico estão livres dela. Como veremos, mesmo quando voltam os olhos para a escola e o ensino numa sociedade de classes e neles identificam inúmeras condições que podem por si só explicar as altas taxas de reprovação e evasão, continuam a defender as teses da teoria da carência cultural. O resultado é um discurso incoerente que, em última instância, acaba reafirmando as deficiências da clientela como a principal causa do fracasso escolar (PATTO, 1999, p. 74).

Durante o século XX, muitas teorias pedagógicas, assim como projetos educacionais, foram criados com o intuito de superar a escola tradicional devido às dificuldades da mesma em atender às necessidades de um mundo em constante transformação, no qual a ciência e a tecnologia tornavam cada vez mais complexo o papel do educador. Sobre a relação da pedagogia e das demais ciências, na busca de métodos ativos e de educação integral, que visassem às necessidades do educando, exemplifica Aranha (2006, p. 117), com:

[...] a Escola Nova que, na sua perspectiva de ‘escola redentora’, esperava alcançar a equalização das oportunidades pela democratização da educação. Os teóricos da Escola Nova analisaram com otimismo a influência da escola, vendo-a como agente de transformação, um

instrumento de mobilidade, que permitiria a ascensão social e a criação de uma sociedade mais humana e democrática.

2.2 A Escola no Brasil

No início do século XX, em uma população predominantemente rural, era altíssimo o índice de analfabetismo, denotando o menosprezo com a educação elementar. Após a Primeira Guerra Mundial, com o acentuado processo de industrialização e urbanização do País, houve um aumento na demanda pela escolarização.

O movimento da Escola Nova começou somente na década de 1920, através de algumas reformas do ensino público. Em 1932, no Manifesto dos pioneiros da educação nova, clareou o pensamento a respeito da Escola Nova. Esse manifesto foi de grande importância na história da pedagogia brasileira, uma vez que representou a tomada de consciência da defasagem existente entre a educação e as necessidades do desenvolvimento.

O manifesto surgiu em uma época de conflito entre os adeptos da escola renovada e os católicos conservadores, que detinham o monopólio da educação elitista e tradicional. No período do Estado Novo, o movimento renovador entrou em recesso, ressurgindo na década de 1950, com a participação dos seguintes pedagogos, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Embora a polêmica entre defensores da escola leiga e os da escola confessional ainda existisse, alguns colégios religiosos abandonaram os métodos tradicionais para aderir ao escolanovismo. (ARANHA, 2006, p. 228).

O Pedagogo Anísio Teixeira foi responsável por difundir o pensamento de John Dewey no Brasil. Em 1950, criou o Centro Popular de Educação conhecido como Escola-Parque. Esse projeto tinha a pretensão de desenvolver uma escola piloto que atendesse alunos de todas as classes sociais. Inicialmente, o atendimento se daria a 4 mil alunos, a educação seria integral, incluindo alimentação, higiene, socialização, preparação para o trabalho e cidadania.

Anísio Teixeira preferia usar a expressão “escola progressista” e não Escola Nova. Atuou em inúmeras reformas educacionais e tinha grande conhecimento da história brasileira, ancorado numa filosofia da educação. A posição do pedagogo Anísio Teixeira quanto ao ensino tradicional é que deveria ser reformulado pela didática da escola progressista. Apóia a idéia da apropriação dos conhecimentos

científicos e dos valores construídos pela sociedade, porém, critica a maneira como é processado na escola tradicional, através da memorização e repetição de um saber acabado. Para ele é necessário:

[...] que o aluno desenvolva uma atitude científica, que aprenda por si mesmo, o que não é possível pela distribuição de disciplinas separadas, ministradas por professores em compartimentos estanques. A escola deveria ser o lugar da elaboração de projetos, que exigem reflexão, intensa atividade participativa da autonomia e da responsabilidade do educando (ARANHA, 2006 p. 229).

A democratização do ensino, meta de Dewey e defendida por Anísio Teixeira, deve-se à escolarização de início tardio e ao alto índice de analfabetismo. A educação como direito é defendida por Anísio Teixeira através da instalação da escola pública, universal, laica, gratuita e unitária. As crianças e jovens, sem exclusão dos segmentos populares, deveriam frequentar a escola primária e secundária com finalidades culturais e científicas. Essa função democratizadora de igualar as oportunidades seria vista como a ilusão liberal da Escola Nova, pois conforme Aranha:

[...] dissimula a reprodução do sistema, isto é, são dadas poucas chances reais para os filhos de operários deixarem de ser proletário, o que se verifica pelos altos índices de evasão e repetência, indicativos do afastamento precoce das crianças do ambiente escolar (ARANHA, 2006, p. 230).

As idéias da Escola Nova, contraditoriamente, contribuíram para uma maior elitização do ensino, inclusive no Brasil. A escola pública foi considerada em posição de inferioridade devido a sua incapacidade de introduzir novas didáticas, não conseguindo dar ênfase à qualidade e nem de cumprir a exigência de escolas aparelhadas e professores muito bem qualificados. Esse rebaixamento da qualidade da escola pública dificultou a implantação da democracia, concorrendo para a aceleração da marginalização das classes populares.

Na década de 1960, na sociedade civil, segundo Aranha (2006), surgiram vários movimentos de educação popular de ampla repercussão. Esses movimentos tinham como meta a conscientização política das camadas desfavorecidas, sendo que alguns grupos enfatizavam a alfabetização e outros se ocupavam com a educação de base, privilegiando a difusão e a preservação da cultura popular. Entre esses grupos difundidos pelo país, destacou-se o Movimento de Cultura Popular do

Recife, liderado pelo educador Paulo Freire, criador de um novo método de alfabetização, que posteriormente, repercutiu mundialmente.

A pedagogia libertadora de Paulo Freire, também conhecida como pedagogia do oprimido, consiste na educação voltada para a conscientização da opressão, que permitiria a consequente ação transformadora. [...] Paulo Freire distingue, dois tipos de pedagogia: a pedagogia dos dominantes, na qual a educação existe como prática de dominação, e a pedagogia do oprimido – como tarefa a ser realizada -, na qual a educação representa a prática da liberdade (ARANHA, 2006, p. 273-274).

Para a classe dominante nem sempre está claro que ela seja opressora. Os oprimidos têm a tendência a entender-se como inferiores não reconhecendo a opressão. Devido a esse fato, há a necessidade do trabalho de alfabetização estar acompanhado de uma conscientização e politização. O oprimido, além da conscientização da opressão, deve dispor-se a transformar essa realidade. A educação das massas é algo fundamental, pois:

Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser, também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito (FREIRE, 2011, p. 52).

As duas pedagogias quando comparadas, a primeira para Freire é baseada em uma concepção “bancária” da educação, onde o professor deposita o saber e o tem, à medida que ocorra uma prova ou exame, definindo uma relação de verticalidade. Onde o saber é doado de cima para baixo, denota autoritarismo devido ao saber estar com o professor. A pedagogia do oprimido parte da concepção de que o ato de conhecer não é uma doação do professor:

[...] mas um processo que se estabelece no contato do educando com o mundo vivido, lembrando que este se encontra em continua transformação. Ainda mais, a relação entre educador e educandos e destes entre si é dialógica: e o diálogo, como sabemos, supõe troca, não imposição. Essa postura permite que o conhecimento adquirido seja crítico, porque autenticamente reflexivo, implicando o constante desvelamento da realidade para nela se posicionar (ARANHA, 2006, p. 274).

Segundo Paulo Freire conhecer é interferir na realidade. Seu método tem a pretensão de superar a dicotomia entre teoria e prática. No momento em que o homem percebe-se como sujeito da história toma a palavra para si e alfabetiza-se.

Com o golpe militar no ano de 1964, o Plano Nacional de Alfabetização foi extinto e houve a paralisação das demais atividades acusadas de subverter a ordem. Com a desestruturação das organizações não foi possível a expansão da educação popular. Durante a ditadura militar a educação seguiu a linha tecnicista de influência norte-americana. As reformas de 1968 para a universidade e de 1971 para o ensino médio foram perniciosas para a educação popular.

Na década de 1980 os brasileiros lutaram para o retorno da democracia. A Constituição Federal de 1988 trouxe novidades nessa área, entre elas, um significativo avanço na garantia do acesso ao ensino obrigatório e gratuito, de direito público subjetivo, cujo significado, conforme Aranha (2006, p. 127), é “que os prefeitos e governadores têm obrigação constitucional de oferecer esse tipo de ensino, devendo sofrer sanções jurídicas em caso de omissão”.

A partir dos anos de 1990 escreve Aranha (2006), o índice de desempenho dos estudantes no Brasil foi sofrível comparado com países avançados, ou mesmo em desenvolvimento, tanto no que se refere à alfabetização e à alfabetização funcional, quanto ao acesso à informática e ao entendimento de outros idiomas. Houve um aumento no ingresso por parte de uma parcela da população no ensino fundamental e médio, porém nem sempre acompanhado de qualidade.

Ao analisar a educação no Brasil, vê-se que desde o início do século XX, essa esteve exposta às interferências de métodos de educação externos, não condizentes com a cultura do povo brasileiro. Educadores e pedagogos inovaram com métodos pertinentes a nossa cultura e muitos não foram entendidos de imediato, mas lutaram para dar continuidade ao pensamento de inclusão na educação das camadas menos privilegiadas. O que se viu até este momento foi uma história da educação marcada pela exclusão.

A escola pública (de Todos e não dos Pobres) está longe de alcançar as nobres missões de fornecer uma sólida base científica, desenvolver o espírito de solidariedade de classe social e formar o cidadão, pois analisando esse “menu missionário”, constatamos que:

1) a sólida base científica tem ficado para trás, pois as estatísticas oficiais mostram um Brasil aquém de um bom desempenho escolar. Pesquisa realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e divulgada em dezembro de 2004 mostrou que os estudantes brasileiros ficaram atrás de alunos de países mais pobres, como a Tunísia e a Indonésia. Em Matemática, metade dos estudantes brasileiros está situada abaixo do grau 1, de uma escala de seis níveis (de 40 países pesquisados, o Brasil ficou em 40º lugar). Em Ciências, o País ficou em penúltimo lugar, e, Língua Portuguesa, os estudantes não conseguiram reter nem interpretar textos indicados para os primeiros anos escolares;

2) a cidadania, a palavra da moda, está longe de ser alcançada e praticada, pois contempla necessariamente a tensão entre direitos e deveres. Olhando para o panorama nacional, não é difícil verificar o quão distante está a prática de uma cidadania real, em um país como o Brasil, marcado por profundas diferenças e desigualdades sociais (MOREIRA, 2010, p. 17).

A estrutura do sistema educacional no Brasil está dividida em dois níveis: educação básica, constituída pela educação infantil, pelo ensino fundamental e pelo ensino médio e educação superior. Em decorrência do objeto deste estudo, darei maior relevância à educação básica.

2.2.1 Educação básica

A finalidade da educação básica é assegurar ao educando uma formação comum, necessária ao exercício da cidadania e que proporcione meios para evoluir no campo profissional e a novos estudos no futuro. As etapas da educação básica são: a educação infantil, ensino fundamental e o ensino médio.

A educação infantil segundo Libâneo (2003) é um dever do Estado e uma novidade da Constituição Federal de 1988. Está inscrita na LDB/96 como obrigação dos municípios, e a partir do ano de 1999, deveria pertencer a este sistema de ensino. Essa primeira etapa é composta por crianças de até seis anos de idade e tem a finalidade de desenvolver integralmente esses sujeitos. É oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para crianças até três anos de idade e em pré-escolas, para crianças na faixa etária dos quatro aos seis anos.

A etapa obrigatória da educação básica é o ensino fundamental. Esse ensino é dever do Estado e direito público subjetivo, isto é, não exige regulamentação para ser cumprido. O ensino fundamental é gratuito e não se restringe apenas à faixa etária dos sete aos quatorze anos, mas a todos aqueles que não tiveram acesso na idade própria. Conforme o art. 32 da LDB/96 o objetivo desse ensino, é a formação básica do cidadão, mediante:

- I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno desenvolvimento da leitura, da escrita e do cálculo;
- II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (LIBÂNEO, 2003, p. 254).

A língua portuguesa é ministrada no ensino fundamental, sendo assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e os próprios processos de aprendizagem. Apesar da obrigatoriedade do ensino fundamental, a classificação do educando em qualquer série ou etapa independentemente de escolaridade anterior, é realizada por intermédio de avaliação feita pela escola, que define o grau de desenvolvimento e a experiência do sujeito, permitindo sua inscrição na série que considera mais adequada.

O ensino fundamental e o ensino médio para Libâneo (2003), têm em seus currículos uma base nacional comum e uma parte diversificada a ser integrada em cada sistema de ensino, mediante as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação para uma e outra etapa da educação básica. Os princípios norteadores da ação pedagógica para o ensino fundamental ditadas pelas diretrizes curriculares nacionais, dizem respeito:

[...] a autonomia, a responsabilidade, a solidariedade, o respeito ao bem comum, os direitos e deveres da cidadania, os exercícios da criticidade e também os princípios estéticos, tais como a sensibilidade, a criatividade e a diversidade de manifestações artísticas e culturais (LIBÂNEO, 2003, p. 256).

Em 1998, o Plano Nacional de Educação, apresenta dados sobre as matrículas no ensino fundamental que atingiram o número de 36 milhões de alunos, sendo que apenas 9,5 % estavam no ensino privado. Para concluir os oito anos de escolaridade obrigatória do ensino fundamental os alunos levam em média 10,4 anos. O atendimento às crianças precisa ser ampliado no Brasil, “uma vez que 2,7 milhões de crianças de 7 a 14 anos ainda se encontram fora da escola” (LIBÂNEO, 2003, p. 256).

Segundo Moreira (2010), os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), realizada em 2008, inferiu que ainda há no Brasil quase 500 mil crianças analfabetas na faixa etária dos 10 aos 14 anos. O analfabetismo atinge 2,8 % desta faixa etária, portanto, a cada mil crianças, 28 são analfabetas.

A educação básica no Brasil necessita de novos investimentos, pois há milhares de crianças que ainda estão fora da escola. Crianças cuja subjetividade não é respeitada, e que é demonstrada através de avaliações que as igualam. A

escola deveria estar preparada para uma tarefa básica que é a prevenção primária. Na sociedade atual, o uso de drogas lícitas e ilícitas pelos adolescentes chama a atenção do poder público e é na escola que, com o auxílio dos professores e demais dirigentes, a prevenção primária poderia ser instalada. Segundo Cavalcante (2003, p. 111), a escola deve:

[...] educar e dissuadir o jovem a não usar drogas. Diante de um aluno com suspeita de que estaria fazendo uso de drogas, a situação é mais delicada. [...] A escola não pode ignorar este tipo de situação simplesmente excluindo de seus quadros um aluno que eventualmente possa estar usando drogas. De uma escola responsável, comprometida com o educar, espera-se muito mais.

O uso de drogas pelos jovens estudantes frequentemente está associado a dificuldades comportamentais no meio escolar e à repetência e à precoce desistência da escola. Sabe-se que as maiores vítimas do processo de produção do fracasso escolar são os alunos de classes sociais desfavorecidas. Na instituição escolar os problemas de aprendizado e o uso de drogas são motivos relevantes de exclusão escolar.

2.3 O fracasso escolar

A exclusão escolar sempre esteve presente, mas minimizada pelas estruturas vigentes, de acordo com Perrenoud (2001), a separação das crianças acontecia assim que chegavam às escolas. As crianças de classes favorecidas frequentavam as pequenas classes dos liceus, enquanto as demais eram deslocadas para a escola primária. Apenas em meados do século XX a escola tornou-se básica para todos. Considerava-se normal que nas escolas houvessem grupos de crianças dotadas e outras não, crianças que deveriam estudar e outras que deveriam trabalhar a partir dos 12 anos. Crianças que obteriam sucesso de acordo com sua condição social de origem e outras a quem a alfabetização mínima bastaria. Era essa a ordem natural das coisas. O jogo das desigualdades era visto como natural.

O estudo em questão sobre o fracasso escolar, passando pelas origens históricas da educação, possibilitou o conhecimento de conteúdos que embasaram a idéia de que o fracasso escolar esteve presente desde os primórdios gregos. A organização das cidades, à época de Platão, era entregue aos indivíduos que

detinham maior grau de conhecimento, a elite. Nos demais períodos, por mais que pedagogos e filósofos propusessem novos métodos educacionais, esses não contemplavam a todos, mesmo porque, todas as crianças eram tratadas como iguais em direitos e deveres. Segundo Perrenoud (2001, p. 18), “a escola transforma diversas diferenças e desigualdades em fracassos e sucessos escolares. Embora algumas crianças já saibam ler aos seis anos de idade, exige-se que todas saibam ler cerca de um ano mais tarde”.

De acordo com Bourdieu (2008), a desigualdade entre as crianças diante da escola e os determinantes que eliminam as menos favorecidas, depende de mecanismos objetivos. Cada família transmite a seus filhos certo capital cultural e certo sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que intervém para definir as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. “A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito” (BOURDIEU, 2008, p. 42). O êxito escolar da criança está vinculado à ação do meio familiar, pois é o nível cultural global da família que o estabelece.

A atitude familiar diante da escola desempenha um papel determinante quanto à continuidade dos estudos ou à descontinuidade dos mesmos. Tanto a família como a escola, contribuem para o sucesso da criança no ambiente escolar ou no seu fracasso.

Segundo Bourdieu (2008), a escola ao tratar todos os educandos, por mais desiguais que sejam como iguais em direitos e deveres, denota o quanto o sistema educacional é indiferente às diferenças.

A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou, melhor dizendo, exigida. [...] o fato é que a tradição pedagógica só se dirige, por trás das ideias inquestionáveis de igualdade e de universalidade, aos educandos que estão no caso particular de deter uma herança cultural, de acordo com as exigências culturais da escola (BOURDIEU, 2008, p. 53).

Perrenoud (2001), ao analisar o problema da desigualdade social no nível das organizações escolares e das práticas pedagógicas, insere que um sistema de ensino caracteriza-se por um modo particular de formar grupos relativamente

homogêneos de alunos, e concebe certa heterogeneidade aos restantes. A esses restantes, os professores deverão enfrentar quando da sua ação pedagógica.

A heterogeneidade dos alunos é administrada desde o início da escolaridade obrigatória, através de dispositivos estruturais de tratamento das diferenças. São eles:

- a escolaridade é articulada em sucessivos graus, e um plano de estudo global atribui a cada aluno um programa que deve ser 'suficientemente assimilado' para autorizar sua passagem para o grau seguinte;
- uma primeira homogeneização resulta da definição do público obrigatório ensino fundamental, como o conjunto de crianças de uma mesma geração para garantir uma relativa similitude dos níveis de desenvolvimento físico, social, afetivo e intelectual:
- com relação a essa norma geral, a partir do ensino fundamental obrigatório - ou mesmo no decorrer da educação infantil pré-obrigatória -, são feitos ajustes individuais que permitem às crianças mais desenvolvidas começarem seu ensino fundamental obrigatório com um ou, às vezes, dois anos menos;
- inversamente, os alunos cujos resultados escolares são insuficientes a partir do ensino fundamental ou mais tarde repetem, sendo, assim, obrigados a ingressar em uma classe mais jovem, na qual estudarão, novamente, o mesmo programa;
- um conjunto de classes especializadas, de instituições e de clínicas acolhem crianças cujo comportamento ou cujos distúrbios de desenvolvimento dificultam a entrada ou a continuidade nas classes comum (PERRENOUD, 2001, p. 62).

Paulo Freire escreve sobre a educação das massas como sendo algo necessário e fundamental para a liberdade de escolhas. Educação essa que é imposta, não valorizando a subjetividade do indivíduo, excluindo-o já nos primeiros anos escolares, através de vários dispositivos que estruturam o sistema de ensino e as práticas pedagógicas.

Cabe à educação e à cultura a transmissão de valores que dignifiquem o ser humano. O ser humano, desde a sua infância, é fonte de todos os valores, pois gradativamente vai se tornando capaz de raciocinar, valorar, criticar e julgar tudo aquilo que lhes é apresentado (GOMES, 2009, p. 48).

A repetência e a evasão escolar no ensino fundamental fazem parte de um problema relevante para muitos estudiosos. Ao ser problematizado o fracasso escolar, procurei elementos que explicassem as causas da exclusão valendo-me das idéias preconizadas por pedagogos, filósofos, que estruturaram a história da educação. A história, a família e a sociedade como um todo, e ainda, o sistema educacional têm sua importância no contexto da exclusão, objeto deste estudo.

3 O SER HUMANO, O CUIDADO E AS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Neste capítulo procurou-se definir o ser humano, o ser humano e o cuidado, juntamente com um mal que assola a sociedade atual, o uso indiscriminado de várias substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, por jovens e adultos. A educação é uma das instituições que organiza a sociedade e só pode ser interpretada a partir de um contexto histórico-social concreto:

[...] a prática social é o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pedagógica, [...] não é um processo neutro, mas se acha comprometida com a economia e a política do seu tempo [...] A educação deve abrir espaço para que seja possível a reflexão crítica da cultura (ARANHA, 2006, p. 32-33).

De acordo com Jaspers (1976), a cultura, a política e seus meios coercitivos ou não, quem os coloca em ação é a intelectualidade do homem, ser complexo, ora apaixonado pela criação do novo, ora pelo outro. Ora, homem natureza, instinto, agressão. Regido pelo pensamento e linguagem que o distingue dos demais seres existentes. A natureza é muda. “Só o homem fala. Só entre os homens existe esta alternância de discurso e resposta, continuamente compreendidos. Só o homem, pelo pensamento, tem consciência de si” (JASPERS, 1976, p. 46).

3.1 O ser humano

O que é o ser humano? Pergunta clássica da filosofia. O ser humano é natureza, é história. Inserido no mundo age sobre o mesmo, fazendo a história. Para Aristóteles, o ser humano se confunde com todas as coisas, a alma é tudo. Sócrates considerava que a essência, a psyché da pessoa era a sua alma, entendida como a sede da atividade pensante e eticamente operante. Segundo Reale (1990, p. 87), “[...] a alma é o eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral”.

O que diferencia o humano de todos os demais seres que habitam a terra segundo Kant (2009, p. 27):

[...] é o conhecimento da representação do eu. É por isso que ele é uma pessoa, e uma e mesma pessoa em virtude da unidade da consciência em

todas as modificações que lhe possam suceder, ou seja, ele é, por sua posição e dignidade, um ser totalmente distinto das coisas, porque sempre tem o eu no pensamento.

Pascal (1996), afirma que são muitas as definições do homem ou do seu agir para o bem ou para o mal. Na obra *A Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Kant formaliza conceitos sobre a lei moral, o conteúdo da boa vontade depende do agir por dever. O valor de um ato depende da intenção e a regra é que pauta a ação do homem. A máxima da ação, o princípio do querer, está na intenção. Afirma Freitag (1992, p. 50), “[...] trata-se de seguir uma diretriz racional, compreendida como tal, que se impõe à consciência de cada um como necessária e justa, tendo em vista como finalidade última: a defesa e o respeito à dignidade humana”.

Na obra *Ser e Tempo*, Heidegger (1979), descreve o homem em meio a sua vida rotineira, considerada como uma forma de vida inautêntica. A vida cotidiana faz do homem um ser preguiçoso e cansado de si próprio que, acovardado diante das dificuldades, prefere vegetar na banalidade e no anonimato. O homem em seu cotidiano, voltado para os outros, para o público, reduziria sua privacidade, alienando-se totalmente do essencial o retorno a si mesmo. Essa intervenção do público no privado do humano seria através do pensar e viver por meio de idéias e sentimentos acabados e inalteráveis, como ente exilado de si mesmo e do ser. O ser humano jamais seria um ser acabado e nunca seria tudo aquilo que pode ser; estaria sempre diante de uma série infinita de possibilidades, sobre as quais se projeta. Para Heidegger (1979, p. 10): “A inquietação estrutura o ser do homem dentro da temporalidade, prendendo-o ao passado, mas, ao mesmo tempo, lançando-o para o futuro”.

Heidegger na obra *Ser e Tempo* como Arendt em *Entre o Passado e o Futuro* refletiram sobre o homem e o tempo. O homem caminhando para o futuro, tendo consigo a força do passado, retorna às origens que o empurram para frente. É o futuro que impele o homem para o passado.

Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto onde “ele” está; e a posição “dele” não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à “sua” luta constante, à “sua” tomada de posição contra o passado e o futuro. (ARENDR, 2007, p. 37).

A compreensão sobre o ser humano se dá através da reflexão, essa tomada da consciência da não existência de certezas, nem de apoio. Não há uma resposta satisfatória para a pergunta o que é o ser humano.

As potencialidades da pessoa, enquanto pessoa, permanecem ocultas em sua liberdade. Não cessarão de manifestar-se em decorrência dessa liberdade. Enquanto existirem, as pessoas serão seres empenhados na conquista de si mesmos.

Segundo KANT apud JASPERS, (1976, p. 54) “[...] nenhum homem pode ser, para o outro, apenas meio; cada homem é um fim em si mesmo”, nos leva a refletir se o jovem e o adulto dependentes de drogas não seriam um meio e teria um fim determinado na estrutura da sociedade contemporânea? O dependente de drogas tem liberdade de decisão? Tem dignidade? Demonstra responsabilidade? Ou é uma pessoa de fácil condução, um ser de manobra para as políticas públicas, em um contexto onde é visto como massa, degradando-se a mero instinto de rebanho, como pensa Frankl (1991, p. 45):

[...] a massa, de preferência, prescinde de personalidade, que para ela constitui um embaraço. Por esta razão, combate ela as personalidades, reprime-as, priva-as da liberdade, castrando essa liberdade em nome da igualdade. As individualidades são aplanadas e as personalidades sacrificadas pela tendência ao nivelamento.

Reflico sobre essa condição de aplainamento, nesse sacrifício de personalidade como segregação, isto é, de exclusão social. Eizirik (2005, p. 51), refletindo sobre o pensamento de Foucault quanto à exclusão:

A exclusão está ligada ao gesto originário de separação sobre o qual se instala uma cultura, e se desenvolve através do tempo, indefinidamente se reproduzindo, por formas as mais diversas do que apenas as da repetição. A exclusão se faz através das instituições, dos regulamentos, dos saberes, das técnicas e dos dispositivos.

Na história do homem a exclusão do outro homem sempre esteve presente. Na contemporaneidade a falta de cultura, as repetências escolares e o não término dos estudos ocasionam diversas dificuldades no presente e no futuro. O homem usuário de substância psicoativa de muitas perdas já foi acometido, entre elas, o não término dos estudos, o emprego e a esperança de dias melhores muitos não

avistam. Para esses homens o cuidado e a dedicação dos familiares, ou então, de uma equipe de saúde é a esperança de saúde e de uma vida digna.

3.2 A pessoa humana e o cuidado

Heidegger (2004), em sua obra *Ser e Tempo*, faz uso do termo “cura” em duplo sentido, não tendo como significado apenas “esforço angustiado”, mas também como o “cuidado” e a “dedicação”. Do ponto de vista ôntico, todas as atitudes e comportamentos da pessoa são “dotados de cura” e dirigidos por uma “dedicação.” “A condição existencial de possibilidade de ‘cuidado com a vida’ e ‘dedicação’ deve ser concebida como cura num sentido originário, ou seja, ontológico”.

O cuidado é pertinente à preocupação em ajudar os indivíduos usuários de substâncias psicoativas acolhidos no Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas. Essa dedicação da equipe de profissionais ao tratamento do paciente tem como meta o retorno do indivíduo à sociedade. A sociedade é estruturada através de normas que não são consideradas pelo usuário de drogas devido às características da doença, como as alterações na conduta e mudanças vistas à margem do permitido.

Freire (1982), sobre situações-limites, que podem ser relacionadas na atualidade ao uso excessivo de drogas pelos indivíduos:

Para alcançar a meta de humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das ‘situações-limites’ em que os homens se acham quase coisificados. (FREIRE, 1982, p. 111).

O cuidado dispensado ao usuário de drogas o retira da vida de desesperança, transformando-o em uma pessoa consciente das suas reais possibilidades diante do mundo que o cerca. Segundo Freire (1982, p. 107), “[...] o próprio dos homens é estar com consciência de si e do mundo, em relação de enfrentamento, com sua realidade em que, historicamente, se dão as “situações-limites”.

O cuidado pensado por Heidegger e as situações-limites por Freire levam ao pensamento de Leonardo Boff sobre a hospitalidade em tempos de globalização.

Refletir sobre os tempos atuais é pensar sobre a devastação das drogas no meio de jovens e adultos e as consequências futuras, dentre as quais, a evasão escolar propiciando a discriminação no campo do trabalho para quem não concluiu os estudos, em uma sociedade capitalista onde o ter prevalece ao ser, onde o trabalho é enaltecido através da competição.

Boff (2005) acredita que o ser humano necessita de dignidade, de respeito, de solidariedade, do cuidado, da participação, da transparência, da boa governança, da não-violência e da reverência. Todos esses são valores presentes na cultura e que devem continuar neste novo mundo globalizado.

A hospitalidade, segundo Boff (2005), é uma disposição da alma, é como o amor incondicional, que não rejeita nem discrimina ninguém. É acolher a pessoa independente da condição social e moral e de ser tratada humanamente.

3.3 Os jovens, a família e as drogas

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), droga é qualquer substância, não produzida pelo organismo, que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas produzindo alterações em seu funcionamento.

O início do uso de substância psicoativa lícita ou ilícita acontece na faixa etária dos 12 aos 18 ou 19 anos, coincidindo com o final da meninice e o começo da maturidade, ou ainda, essa etapa da evolução do homem corresponde ao processo maturativo biopsicossocial. Essa etapa é compreendida a partir de alguns aspectos que são os biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Sobre a adolescência:

[...] é considerada o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade. [...] é a resultante de um paralelograma de forças, onde os fatores intrapsíquicos e sócio-culturais constituem os vetores que a compõem (OSÓRIO, 1992, p. 10-21).

Acredita Osório (1992), que frente à ânsia de firmar sua identidade adulta e obter autonomia, o jovem procura novos modelos de identificação no grupo de iguais. Nesses novos grupos as lideranças assumem provisoriamente o lugar das imagens parentais idealizadas. Surgem momentos de trocas e confronto de experiências, permitindo aos integrantes uma melhor identificação dos limites entre o

eu e o outro, onde o entendimento das motivações conscientes e inconscientes dos diferentes modos de sentir, pensar e agir, favoreceriam a resolução da crise de identidade.

O jovem, com o uso de substância psicoativa, modifica seu comportamento e passa a desorganizar-se, sobrevivendo a queda do rendimento escolar. O professor que conhece seu aluno sente a mudança, porém, essas alterações muitas vezes não são observadas pelos pais. Segundo Tiba (2007, p. 202), “[...] a escola tem por obrigação capacitar-se para enfrentar o maior mal evitável do século, as drogas. [...] A escola precisa ajudá-los a fortalecer a opinião contrária ao uso”.

Não existem dados precisos sobre os jovens que abandonaram a escola. Sabendo que uma grande proporção daqueles que interromperam os estudos são usuários de drogas, o consumo entre jovens deve estar subestimado nessas pesquisas. [...] as drogas ilícitas com maior prevalência de uso na vida entre os estudantes brasileiros são solventes, maconha, ansiolíticos e anfetamínicos. (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRAS, 2011, p. 360-361).

Em SUPERA (2006), sobre características da adolescência e o uso de substâncias psicoativas, observa que esse período é de grande risco. A necessidade do adolescente de ser aceito pelo grupo de iguais, o desejo de novas experiências, entre elas, o comportamento dos adultos diante do uso do álcool e outras substâncias, a sensação de onipotência “comigo isso não acontece”, grandes mudanças corporais gerando insegurança, início do envolvimento afetivo, aumento da impulsividade e a busca de sensações outras. É nessa etapa, compreendida entre a adolescência e a fase jovem da idade adulta, que ocorrem os maiores níveis de experimentação e problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas. Sabe-se que os jovens, apesar do pouco tempo de uso de substâncias, passam muito rapidamente de um estágio de consumo para outro, além de fazerem uso de múltiplas substâncias. Por outro lado, um grande número deles diminui significativamente o consumo no início da idade adulta, para adequar-se às expectativas e obrigações da maturidade, como trabalho, casamento e filhos.

Outros fatores de risco para o início do uso de substâncias psicoativas é a maneira como o jovem encara o consumo de álcool e outras drogas, o qual é visto como normal, não acarretando prejuízos futuros. A personalidade com características de baixa auto-estima, agressividade, busca de novidades, impulsividade, rebeldia, dificuldade de aceitar ser contrariado, são facilitadores do

uso abusivo. Os transtornos psiquiátricos: transtornos de conduta, de hiperatividade e déficit de atenção, depressão, ansiedade e outros. História familiar com problemas de álcool e outras drogas. Sexualidade e início precoce de consumo de álcool e tabaco, amigos com grande consumo de outras drogas, baixo desempenho na escola, sentir-se rejeitado pelos amigos, ter sofrido abuso físico ou sexual.

Hutz (2002), ressalva que os fatores de risco para a delinquência entre crianças e jovens estão em todas as classes sociais e não somente a pobreza em si mesma como causa. A pobreza se torna um fator de risco para a delinquência por seus efeitos diretos e indiretos na família e na vizinhança da criança e do adolescente. Famílias pobres têm de lidar com uma série de dificuldades e restrições que competem pela atenção e disponibilidade dos adultos. Segundo Osório (1992), sobre o cuidado:

[...] a família exerça as tarefas parentais de forma competente: cuidar, proteger, disciplinar, monitorar e supervisionar seus descendentes. [...] sinais de declínio e falta de controle social, como a presença de atividades ilícitas (por exemplo, tráfico de drogas), de vandalismo e um clima de permissividade com a violência tornam essas áreas locais inadequados para um desenvolvimento saudável e que dificultam a tarefa familiar de proteger e cuidar.

A família nos moldes atuais é herdeira da revolução industrial. São os agrupamentos urbanos do mundo ocidental, onde mesmo os mais pobres aspiram a ascensão sócio-econômica. A família como unidade básica está em crise, [...] face à emergência da nova onda civilizatória deflagrada pelos avanços tecnológicos contemporâneos (OSÓRIO, 1992, p. 28).

Para os adolescentes, as drogas muitas vezes são vistas como libertadoras, estão na moda e careta é quem não as usa. Na verdade as drogas submetem os indivíduos, escravizando-os e deixando-os à mercê dos traficantes. Os pais enganam-se, quando pensam que os filhos ao usarem substâncias os estão desafiando e protestando contra seus modos de vida. Na verdade os filhos imitam os pais. Pais tabagistas e os que usam bebidas alcoólicas sem restrições, na verdade estão doentes, ou mães que consomem tranqüilizantes ou medicações para dormir, não possuem moral para censurar o filho, quando ele os imita ao usar álcool com os amigos nas festas, ou ao estar intoxicado por maconha. Sobre o uso de maconha na adolescência de pais:

Alguns ex-usuários de maconha na adolescência podem ficar permissivos: admitem que o filho use e até abuse um pouco. Esses pais devem lembrar que a maconha da sua juventude tinha um significado cultural: era o modo

de protestar contra o autoritarismo, e a maconha era muito menos viciante que a de hoje. (TIBA, 2007, p. 221).

Cabe aos pais o cuidado com as dependências lícitas e ilícitas que fazem uso no meio familiar. Os adolescentes usam de estratégias para manipular o início do uso de substância psicoativa, minimizando a substância que está sendo usada em casa pelos pais, não as vendo como causadoras de dependência. Esse é um fator de risco para o abuso.

3.4 Epidemiologia

A relação do homem com as substâncias psicoativas que alteram a consciência é de longa data. Entre os vínculos relacionados ao uso de drogas, pelo humano, está a obtenção de prazer, a busca pela transcendência e a necessidade de fugir da realidade, isto é, de enfrentar situações frustrantes.

Na Antiguidade, substâncias naturais eram utilizadas em cerimônias e rituais religiosos, para diversão e com o intuito de obter prazer. Os indígenas utilizavam bebidas fermentadas – álcool – em rituais sagrados e/ou em festividades sociais. Os egípcios faziam uso do vinho e da cerveja para tratamento de diversos males, como meio para amenizar a dor e como abortivo. Os gregos e os árabes usavam o ópio para fins medicinais, para alívio da dor e como tranqüilizante. Nas tribos indígenas do México o cogumelo era considerado sagrado, e era usado em rituais religiosos, causando alucinações. Os gregos e os romanos dispunham de álcool em festividades sociais e religiosas. Nos dias de hoje o vinho é utilizado em cerimônias católicas e protestantes, no judaísmo, no candomblé e em outras práticas espirituais.

Nessa época a cultura prevalecia sobre o hábito, não representando uma ameaça à sociedade, pois o uso das substâncias estava relacionado aos rituais, aos costumes e aos próprios valores coletivos, não havendo nesse período, conhecimento acerca das conseqüências negativas do abuso das substâncias.

No final do século XIX e início do século XX, com a aceleração da chegada do homem do campo para compor os novos centros urbanos e a consolidação das indústrias, aliada às novas descobertas da medicina, o uso e o abuso das várias substâncias psicoativas passaram a ser problematizados. O controle das drogas passou da ordem religiosa à esfera da biomedicina, ocorrendo nos grandes centros urbanos dos países desenvolvidos do Ocidente.

No decorrer de décadas os efeitos do álcool e outras drogas ficaram mais conhecidos. Em consequência, vários problemas do uso e abuso foram sendo contextualizados na sociedade.

Durante os últimos 30 anos, o uso de drogas ilícitas mudou, transformando-se de um fenômeno extremamente desviante em uma situação epidêmica, talvez em associação com os estilos diferentes de cultura dos jovens e rebeldia contra os valores estabelecidos. Nos meados da década de 60 o uso da maconha aumentou primeiramente entre os homens urbanos. Expandindo-se o uso para áreas rurais e para as mulheres. Após o aumento inicial do uso da maconha, ocorreu um rápido aumento do uso de drogas de todos os tipos, incluindo psicodélicos, opiáceos, sedativos, estimulantes e cocaína. No ano 1979, o uso de drogas ilícitas atingiu o auge, com uma taxa de prevalência vitalícia de 65% entre alunos em final do segundo grau escolar.

A maconha é a substância ilícita mais frequentemente abusada. O uso diário da maconha representa indivíduos envolvidos no uso compulsivo dela. Assim como, o uso diário denota risco de experiências com outras drogas mais pesadas, e este é o padrão para aqueles indivíduos que fazem uso do álcool.

Nos Estados Unidos de 1976 a 1979 o uso de cocaína dobrou, entre alunos do segundo grau, mantendo-se estável até 1985, quando aumentos significativos no uso anual e mensal foram observados. No período de 1986 a 1988 o uso da cocaína declinou. Em 1985 a cocaína em forma de crack tornou-se disponível, neste período houve um substancial aumento de consumo de crack. Primeiramente o uso do crack concentrou-se entre os habitantes das zonas rurais mais pobres, muitos dos quais abandonaram as escolas. De 1985 a 1987, os registros de consultas às salas de emergência, em Manhattan, devido ao uso de crack, aumentaram dez vezes; 60 % dos detidos pela Lei em Washington, D.C. tinham testes positivos para cocaína em 1988; além disso, crimes violentos associados com a cocaína e o crack aumentaram (LEWIS, 1995, p. 751).

De acordo com a Secretária Nacional Anti-Drogas quando da realização do Curso de Capacitação para Conselheiros Municipais (2008) - SENAD E SENASP, segundo dados do Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime (UNODC) apontam que, no mundo todo, cerca de 200 milhões de pessoas – quase 5% da população entre 15 e 64 anos – usam drogas ilícitas, ao menos, uma vez por ano. Dentre essas, a mais consumida no mundo é a maconha. E, ainda, levantamentos domiciliares realizados em 2001 e 2005 pela Secretaria Nacional Anti-Drogas (SENAD), em parceria com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), mostram a evolução do consumo de drogas mais usadas. As pesquisas envolveram entrevistados das 108 cidades com mais de 200 mil habitantes do Brasil. Os dados revelaram que a grande maioria da população faz uso de substância lícita, como o álcool, tabaco e medicamentos com finalidades diferentes (aliviar a dor; baixar a ansiedade; reduzir a sensação de cansaço, de depressão; obter prazer;

entre outras). Das substâncias de uso ilícito, a maconha, a cocaína e os solventes são as mais utilizadas.

Em 2006, foi realizada pela SENAD juntamente com a Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD), da Universidade Federal de São Paulo, uma investigação sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira. Foram investigados 143 municípios do País e detectou-se que 52% dos brasileiros, acima de 18 anos, fazem uso de bebida alcoólica, pelo menos, uma vez ao ano. Do conjunto dos homens adultos, 11% bebem todos os dias e 28% de uma a quatro vezes por semana.

Ainda citando o Curso de Capacitação para Conselheiros Municipais (2008) para a prevenção ao uso indevido de drogas, em 2004, foi realizado um levantamento em 27 capitais brasileiras com estudantes do ensino fundamental e médio, aferindo que o primeiro uso de álcool ocorreu por volta dos 12 anos de idade, em meio familiar. As intoxicações alcoólicas, ou mesmo o uso regular de álcool, raramente ocorriam antes da adolescência. Esse levantamento mostrou que 65,2% dos jovens já haviam feito uso de álcool alguma vez na vida, 63,3% haviam feito algum uso no último ano e 44,3% haviam consumido o álcool alguma vez nos últimos 30 dias que antecederam a pesquisa. Quanto à frequência do uso desta substância: 11,7% faziam uso frequente (seis ou mais vezes ao mês) e 6,7% faziam uso pesado (vinte ou mais vezes no mês). No mesmo ano de 2004, nas capitais dos Estados, foram levantados dados relativos ao uso de drogas por crianças e adolescentes em situação de rua, incluindo jovens na faixa etária de 10 a 18 anos. Constataram o uso de álcool na vida de 76% dos entrevistados.

A substância mais usada no mundo é o álcool. O alcoolismo é uma enfermidade de evolução crônica e progressiva. A ingestão constante de bebida alcoólica interfere em vários aspectos de ordem biopsicossocial do indivíduo com problemas de álcool.

A Organização Mundial de Saúde – OMS, em 1992 padronizou a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 (1993, p. 74), conceituando a Síndrome de Dependência do Álcool como:

Um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, no qual o uso de uma substância ou uma classe de substância alcança uma prioridade muito maior para um determinado indivíduo que outros comportamentos que antes tinham maior valor. Uma característica descritiva central da síndrome de dependência é o desejo (frequentemente forte,

algumas vezes irresistível) de consumir drogas psicoativas (as quais podem ou não terem sido medicamente prescritas), álcool ou tabaco.

O indivíduo dependente, que está por um período abstinente de certa substância psicoativa, quando do retorno ao uso, há um desejo maior de consumir a substância, diferentemente de outro não dependente.

O alcoolismo é uma doença que tem como característica a cronicidade, o uso repetitivo e compulsivo de substâncias acarretando sérias conseqüências ao indivíduo, à família, ao labor e à sociedade. Segundo Ramos (1990, p. 17) sobre o estado de dependência do álcool, “[...] trata-se de um contínuo, de uma gradação virtual entre um extremo evidente estado de não-dependência e um outro extremo evidente estado de dependência. Entretanto, os limites entre um e outro são imprecisos”.

O uso de substâncias lícitas como o álcool e o tabaco, excede o uso de qualquer das outras classes de drogas. O tabaco é de grande consumo diário, havendo na sociedade um grande esforço para a redução do uso pelos fumantes, por meio de leis que limitam o espaço para o consumo, da mídia, que corrobora com campanhas preventivas devido aos males trazidos pelo cigarro à saúde da pessoa.

Em um estudo de detecção de alcoolismo entre pacientes internados na clínica médica de um hospital universitário em Barbacena, Minas Gerais, Vidal, Possa e Ribeiro Junior (1993) usando o teste CAGE, avaliou 100 pacientes e encontrou um percentual de bebedores do sexo masculino (65%). A mediana da idade da população estudada foi de 44,9 anos (21 a 70). Outros dados na maioria dos pacientes CAGE positivos foram os baixos níveis sócio-econômico, escolar e o uso de tabaco. O alcoolismo é uma doença de prevalência elevada e relacionada com inúmeros problemas de ordem médica, econômica e psicossocial, sendo de fundamental importância a detecção do quadro em seus estágios iniciais.

Borini e Silva (1989), em um estudo com 189 pacientes alcoolistas do sexo masculino, internados no Hospital Espírita de Marília em São Paulo, constatou que os pacientes já eram alcoolistas aos 20 anos de idade (82,7%) e que apenas 17,3% passaram a ingerir álcool após essa idade. Os pacientes tinham idades distribuídas por amplo intervalo com extremos de 20 a 79 anos, 63% com idade situada entre 20 a 40 anos, sendo que a grande maioria não foi além do ensino fundamental e, de cada 10 indivíduos, um era analfabeto. O tabagismo (88,2%) foi encontrado entre os

pacientes e apenas 9,5% desses não tinham outro vício que não o abuso de álcool. Através de um programa de atendimento a 99 pacientes alcoolistas masculinos, desenvolvido durante dois anos em Hospital Psiquiátrico de Botucatu – São Paulo, Simão, Andrade e Rezende (1989), constataram que os pacientes tinham idades entre 31 e 40 anos (49%). Quanto à escolaridade, 57% tinham apenas o ensino fundamental e 19% eram apenas alfabetizados. O início da ingestão alcoólica dos pacientes, 72% ocorreu entre 11 e 20 anos, e aumentaram a frequência e quantidade entre 21 e 30 anos (48%). Os autores concluíram que elevado número de pacientes estavam com a estrutura familiar comprometida, ou com poucas chances de voltar a reestruturar-se. Decorre desse fato a limitação das perspectivas de recuperação e readaptação social.

Schuckit (1991) considera como predominante no alcoolismo os homens entre 30 e 50 anos, de menor renda e educação. Entretanto, reconhece que o alcoolismo é um problema de todas as camadas sociais, todas as idades e religiões. É uma enfermidade que está disseminada em todo o mundo.

Câmara, Tambellini e Roselli-Cruz (2010), basearam-se em uma pesquisa com trabalho de prevenção de dependência entre estudantes de 23 municípios de quatro regiões brasileiras, entre os anos de 2000 e 2003. Foram analisados 68.210 questionários. Em um estudo descritivo transversal, foram vistas as proporções do abuso de drogas lícitas e ilícitas e sua associação com algumas variáveis. Predominou o sexo feminino entre o grupo estudado, 52,05% de alunas para 45,95% de alunos. Prevaecem os estudantes do curso fundamental (71%), ficando os alunos do ensino médio com a proporção de 26%. No total nacional os estudantes declararam ter feito uso de droga alguma vez na vida em torno de 4% da população pesquisada. Quanto à idade do primeiro uso de drogas, a faixa etária foi dos 11 a 15 anos para 49% dos entrevistados no total nacional, contra 23% acima dos 15 anos. A família foi escolhida para a busca de ajuda para evitar as drogas em 29%, a escola ficou logo após, com 19%, em seguida a igreja, com 16% e o médico 14% no total nacional. Para a busca de esclarecimentos sobre as drogas, do número total nacional, a escola obteve 32%, a família ficou com 22% e a mídia 19%, estando à frente da Igreja.

Muza, Bettioli, Muccillo e Barbieri (1997), realizaram um estudo na Cidade de Ribeirão Preto – São Paulo, em 21 escolas com estudantes de primeiro e segundo graus, matriculados na oitava série do primeiro grau e nos três anos do segundo

grau da rede pública e privada. A preocupação foi o consumo de substância psicoativa pelos adolescentes. De uma amostra de 1.025 adolescentes a maior concentração por faixa etária é dos 16 aos 17 anos (44,5%). Os sexos se equivalem. O maior consumo de substâncias psicoativas lícitas é das bebidas alcoólicas, com frequência de uso na vida (88,9%), seguido do tabaco com 37,7%. Entre as substâncias psicoativas de uso ilícito os solventes são mais consumidos, com taxas de uso na vida de 31,1%, seguidos de medicamentos (10,5%), maconha (6,2%), cocaína (2,7%). As taxas de prevalência de consumo do álcool mostram-se elevadas nas faixas etárias mais jovens e continuam a crescer, na mesma proporção em todas as outras faixas etárias. O consumo de substâncias psicoativas ilícitas mostra crescimento importante nas taxas de prevalência, quando se avança da faixa etária dos 13 a 15 anos para a faixa etária dos 16 a 17 anos. A idade da primeira experiência com o consumo de substância psicoativa está na faixa etária dos 14 a 16 anos, exceto para as bebidas alcoólicas, cuja primeira experiência ocorre antes dos 11 anos de idade.

Em Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Liderança Comunitárias (2010), de acordo com o II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, realizado nas 108 maiores cidades do país, 0,7% da população adulta relatava já ter feito uso de crack pelo menos uma vez na vida, um número de 380 mil pessoas. A maior porcentagem de uso de crack na vida foi encontrada entre homens, na faixa etária de 25 a 34 anos, constituindo 3,2% da população adulta ou 193 mil pessoas. Comparando o I Levantamento, realizado em 2001, e o II Levantamento, realizado em 2005, ficou demonstrado que houve aumento estatisticamente significativo daqueles que relataram uso de crack no mês da pesquisa. Em todas as regiões do País encontram-se usuários de crack, mas as maiores concentrações são encontradas nas regiões Sul e Sudeste. Sobre o uso do álcool:

A Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta o álcool como sendo a substância psicoativa mais consumida por crianças e adolescentes. A média de idade, no Brasil, para o primeiro uso de álcool é de 12,5 anos. A forma mais comum de uso do álcool por adolescentes é o binge (abuso episódico e em grandes quantidades). Além disso, estudos epidemiológicos têm mostrado que o início do consumo de álcool, cigarro e outras drogas ocorre predominantemente durante a adolescência (SUPERA, 2011, p. 55).

A partir do que foi exposto sobre o homem, o cuidado com o mesmo, e a prevalência de várias substâncias psicoativas, pode-se pensar em alguns fatores de proteção ao uso das drogas como necessários, especialmente em relação à família, tais como: bom relacionamento familiar, supervisão dos pais em relação ao comportamento dos filhos, noções claras de limites e valores familiares de espiritualidade. E, também, os fatores de proteção relacionados à escola, como o envolvimento em atividades escolares e esportivas e bom desempenho acadêmico. No próximo capítulo apresento a metodologia adotada para a realização da investigação.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo é apresentada a forma de procedimento metodológico utilizado para a realização da investigação, a tipologia do estudo; situando o campo de investigação; descrevem-se os participantes da pesquisa; explicam-se os instrumentos utilizados para a coleta de dados e a técnica aplicada para a análise e interpretação dos dados.

De acordo com Demo (2008), a pesquisa metodológica é a construção criativa e crítica de modos alternativos de dialogar com a realidade social.

O pesquisador, quando do ato de pesquisar sobre determinado tema, deve ter consigo a idéia de que o conhecimento que está sendo obtido pode contrariar os primeiros entendimentos e observações superficiais que possuía como referência para iniciar a pesquisa. A pesquisa é feita para a construção de novos conhecimentos, os caminhos percorridos têm uma estrutura organizada de conhecimentos que permite compreender em profundidade o tema. Nessa busca pelo conhecer sempre há uma margem de incertezas. Em Gatti (2007, p.10):

Para o pesquisador não existem dogmas, verdades reveladas e absolutas, vale dizer não há conhecimento absoluto e definitivo. Os conhecimentos são sempre relativamente sintetizados sob certas condições ou circunstâncias, dependendo das teorias, dos métodos, das temáticas que o pesquisador escolhe para trabalhar. Mas essas sínteses devem ter consistência e plausibilidade.

Descrever, compreender ou explicar algo é o modo utilizado pelo pesquisador para responder a algumas incógnitas, tendo como base alguns critérios escolhidos, que lhe dão condições para a interpretação de dados de qualquer natureza. Os critérios devem estar de acordo com a teoria referenciada, Gatti (2007, p.11): “[...] e com a lógica que empregamos todo o desenvolvimento do trabalho. [...] cada pesquisador com seu problema tem de criar seu referencial de segurança”.

A pesquisa educacional tem a intenção de questionar fatos significativos dos indivíduos pertencentes aos campos das interações complexas de todos os fatores que permeiam a existência humana. O campo da pesquisa em educação compreende uma grande diversidade de questões de diferentes sentidos, entretanto, todas relacionadas ao desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

A possibilidade de desenvolver a pesquisa referente ao tema selecionado depende do conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, dos questionamentos e dos limites, e a essa maneira de fazer ciência designa-se metodologia. Martins (2004, p. 291): “A metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica”.

Pensar no método é pensar na construção do conhecimento. Segundo Gatti (2007, p.43): “Método não é algo abstrato. Método é ato vivo, concreto, que se revela nas nossas ações, na nossa organização do trabalho investigativo, na maneira como olhamos as coisas do mundo”. O método com o seu rigor têm a possibilidade de gerar credibilidade aos resultados da pesquisa.

Questões sem respostas imediatas ou evidentes necessitam de esforços específicos e metódicos para se obter resultados. Essas perguntas são os problemas que se quer responder de maneira cientificamente viável, por meio de procedimentos adotados coerentemente, de acordo com a abordagem escolhida.

O pesquisador, ao escolher o tema da pesquisa, deve demonstrar conhecimento, preferencialmente como diz Mills (1972, p. 212):

[...] ter experiência significa que seu passado influi e afeta o presente, e que define a sua capacidade de experiência futura. [...] terá de controlar essa interinfluência bastante complexa, saber o que experimenta e isolá-lo; somente dessa forma pode esperar usá-la como guia e prova de suas reflexões.

A perspectiva da hermenêutica é essa interação entre sujeito/objeto compartilhantes de um mesmo universo, em um esforço de compreensão, de reconhecimento das diferentes formas de vida humana. Segundo ROHDEN apud PECORARO (2009, p. 63), sobre o método hermenêutico de Gadamer:

Enquanto esforço de compreensão, a hermenêutica reconhece as diferentes formas de vida humana com suas respectivas imagens de mundo. Neste caso, a hermenêutica filosófica é um modo de filosofar, isto é, de compreender, em que o sujeito pode pensar e ponderar sobre aquilo que o outro pensa. Isto significa conceber um modo de conhecer no qual o outro “poderia ter razão com o que diz e com o que propriamente quer dizer” sem a pretensão de dominar, de dissecar ou de controlar (o real, o mundo, a vida).

4.1 Caracterização do estudo

Pesquisar o fracasso escolar é problematizar a perda de múltiplas oportunidades futuras do jovem que desiste da escola, é uma tentativa de compreensão das causas desse grave problema na sociedade. É ético. Portanto, propõe-se o seguinte problema investigativo: O fracasso escolar, em usuários do CAPS ad, está relacionado com o início do uso de substâncias psicoativas? Estudar a relação entre a evasão escolar, repetências e o uso de substâncias psicoativas é uma tentativa de compreender os mecanismos excludentes que compõem a sociedade atual.

Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. [...] reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável (FREIRE, 2009, p. 19).

Em decorrência do problema a ser investigado, o objetivo geral da pesquisa é: analisar a ocorrência de fracasso escolar em pacientes do CAPS ad e da possibilidade de relacionar esse fracasso ao início do uso de substâncias psicoativas. Quanto aos objetivos específicos, destacam-se: a) Identificar na história de vida dos pacientes do CAPS ad os fatores que possam ter contribuído para o fracasso escolar; e b) relacionar o início do uso de drogas como possível causa do fracasso escolar.

O presente estudo tem a intenção de conhecer o perfil do usuário de substância psicoativa do CAPS ad, mais precisamente, o que o levou ao fracasso na escola. É reconhecido que são vários os fatores que conduzem o indivíduo ao sucesso ou à desistência de algo, a sociedade, a família e a escola contribuem:

A família, a escola e a sociedade vivem na atualidade um momento crítico, que pode evoluir para o crescimento e evolução da espécie humana ou para um considerável aumento da patologia mental. Isto vai depender do grau de resiliência das novas gerações, ou seja, da capacidade de resistir aos impactos do mundo moderno, do bombardeio de estímulos traumatizantes que assolam suas vidas, dos desencontros vinculares, da solidão, das carências afetivas, da violência a que estão submetidas emocionalmente e, apesar disso, conservarem suas mentes criativas e produtivas (FICHTNER, 1997, p. 61).

A abordagem metodológica adequada à análise do objeto deste estudo fundamenta-se na pesquisa qualitativa, que tem o objetivo de compreender os atos e comportamentos dos seres humanos, e o modelo quantitativo de coleta e análise de dados. Os dois conceitos não são totalmente dissociados:

[...] na medida em que de um lado a quantidade é uma interpretação, uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se manifesta (portanto é uma qualificação dessa grandeza), e de outro ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si (GATTI, 2007, p. 29).

Durante o processo de investigação qualitativa, o pesquisador diante de novas percepções passa a refletir criticamente o tema focado. Esse contato direto entre o pesquisador e o universo a ser analisado, compreende situações relevantes vivenciadas na coleta de dados. Investiga-se com o grupo envolvido de acordo com Ludke e André (1986), questões que envolvam as situações de vida, para conhecer e refletir significados e práticas individuais e coletivas, focalizando expectativas, crenças, valores, sentimentos e conhecimentos, aceitando a integração com métodos quantitativos quando o objeto de estudo assim o exigir.

Nas abordagens qualitativas, a intenção primordial é o entendimento acerca do objeto estudado que representa uma realidade singular. O método qualitativo permite conhecer o processo de construção dos fenômenos, concebidos pela subjetividade humana e pela reunião de significados culturais, afetivos e do contexto ambiental. Escuta-se o entrevistado, repensa-se sobre a forma e conteúdo de sua fala, suas expressões gestuais que o acompanham ou substituem sua fala. Martins (2004, p. 289), define essa abordagem como “[...] aquela que privilegia a análise de micro processos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados e, caracterizada pela heterodoxia no momento da análise”.

Relacionar a evasão escolar e as repetências por jovens estudantes e o uso de drogas por pacientes de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas é próprio da pesquisa qualitativa. Segundo Lewis (1995, p. 751) “Dos 10 aos 12 anos, os jovens seguidamente iniciam o uso de drogas por cerveja e vinho; progridem para a maconha um pouco depois, e a seguir podem experimentar outras drogas mais pesadas”. Esses dois grupos de indivíduos, aqueles que desistiram de estudar, e os que hoje são dependentes de substâncias psicoativas, são sujeitos de direito, que a

sociedade marginaliza. Na atualidade quem não dá continuidade aos seus estudos na maioria das vezes é considerado como menos capaz, negligente e tem empregos com menor remuneração. O usuário de drogas, na sociedade, não é percebido como um indivíduo portador de uma doença, o dependente é tido como causador de violência.

4.2 Campo de estudo

O campo de estudo foi o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, na Cidade de Canoas, município da região metropolitana da grande Porto Alegre – RS, que está localizado na região nordeste da cidade, mais precisamente no bairro Igara. As atividades do CAPS ad iniciaram no mês de agosto de 2010. A autorização para realização da pesquisa nesse CAPS foi concedida pela Diretora de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Canoas, conforme Apêndice A, que pode ser verificado na página 96 deste trabalho.

Segundo o Ministério da Saúde (2004): “Os CAPS, dentro da atual política de saúde mental do Ministério da Saúde, são considerados dispositivos estratégicos para a organização da rede de atenção em saúde mental”.

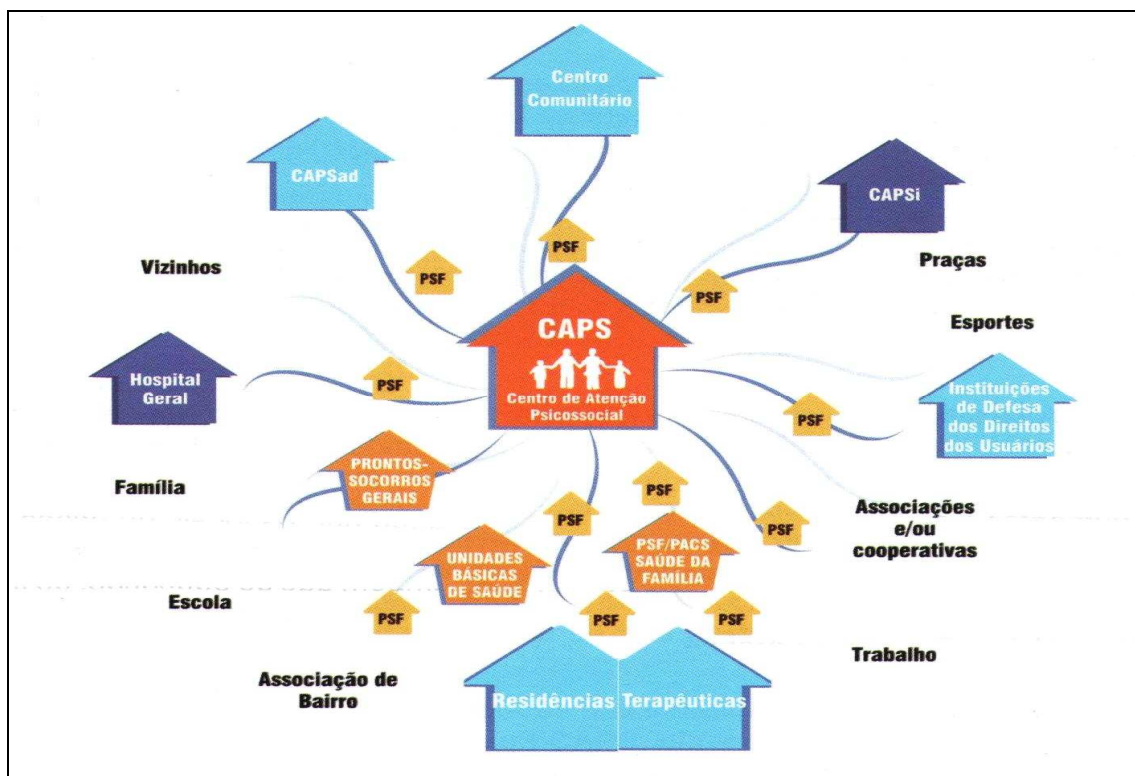
A inauguração do primeiro CAPS no Brasil ocorreu em março de 1986, na Cidade de São Paulo. A criação deste CAPS fez parte de intenso movimento social, inicialmente de trabalhadores de saúde mental que buscavam a melhoria da assistência no País e denunciavam a situação precária dos hospitais psiquiátricos, que eram o único recurso aos usuários portadores de transtornos mentais. A Reforma Psiquiátrica ocorreu com a intenção de um progressivo deslocamento do centro de cuidado para fora do hospital, em direção à comunidade, e os CAPS são os dispositivos estratégicos desse movimento. O Centro de Atenção Psicossocial é um recurso de saúde aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS). O objetivo do CAPS é oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, realizando o acompanhamento clínico e a reintegração social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. Segundo o Ministério da Saúde (2004, p. 9):

Os CAPS são instituições destinadas a acolher os pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca de autonomia, oferecer-lhes atendimento médico e

psicológico. Sua característica principal é de buscar integrá-los a um ambiente social e cultural concreto, designado como seu 'território', o espaço da cidade onde se desenvolve a vida quotidiana de usuários e familiares.

De acordo com SUPERA (2011), é importante ressaltar que a assistência à pessoa da comunidade usuária de substância psicoativa não acontece apenas no CAPS, seus padrões de uso e de dependência são diferentes, isto é, de gravidade diversa, a maioria das pessoas deve buscar atendimento na rede básica de saúde, deixando os pacientes mais graves para os CAPS. A rede básica de saúde inclui os centros ou unidades de saúde locais ou regionais, o Programa de Saúde da Família e de Agentes Comunitários de Saúde.

Figura 01: Rede de Atenção à Saúde Mental



Fonte: SUPERA, 2011.

Os CAPS ad estão sediados em municípios com população acima de 70.000 habitantes. A cidade de Canoas, conforme o Censo Demográfico IBGE de 2010, possui um número de 324.025 residentes. Esses Centros de Atenção Psicossocial

Álcool e Drogas destinam-se a pacientes cujo principal problema é o uso prejudicial de álcool e outras drogas, e passaram a existir, no ano de 2002. Suas aberturas e funcionamento foram estabelecidos e regulamentados a partir da Portaria nº. 336/GM, de 19 de fevereiro de 2002, baseado na Lei nº. 10.216, de 06 de abril de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental (Ministério da Saúde, 2004). São realizados atendimentos diários a pacientes usuários de substâncias psicoativas, permitindo o planejamento terapêutico dentro de uma perspectiva individualizada. Os CAPS ad têm como objetivo:

[...] o atendimento diário à população que apresenta graves transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas, como álcool e outras drogas. [...] os CAPS ad devem ficar responsáveis somente pelos casos mais graves e complexos identificados na comunidade, ou seja, aqueles casos que apresentam um padrão de dependência, ou grave comprometimento sócio-familiar, e não por toda e qualquer pessoa que tenha problemas com álcool e outras drogas (SUPERA, 2011, p. 38).

No CAPS ad são muitos os procedimentos desenvolvidos desde o momento em que o paciente o procura. O funcionário do setor administrativo recebe o paciente, preenchendo um prontuário com os dados de identificação; o acolhimento ao paciente acontece imediatamente pela equipe técnica, onde é feito o plano terapêutico. Conforme o plano terapêutico individualizado, o paciente terá atendimento em grupo de acordo com a substância psicoativa que abusa, atendimento psicológico, atendimento com a assistente social, participará de oficinas terapêuticas e a equipe técnica a cada quinze dias faz visitas domiciliares aos pacientes.

O prédio da instituição é uma casa térrea de alvenaria, sendo ampla, bem arejada e com áreas de pátio, com jardim e quintal composto por grama e uma pequena horta. Apresenta duas salas de atendimento individualizado, sala da equipe técnica, sala de espera, duas salas com maiores dimensões e garagem onde são realizados os atendimentos em grupo, cozinha, refeitório, lavanderia, banheiros, sendo dois para os pacientes e outro para a equipe técnica.

O serviço dispõe de uma equipe multidisciplinar, composta por médico psiquiatra, psicólogos, assistentes sociais, enfermeira, técnico em enfermagem, estagiária de psicologia, estagiária de educação física, gerente administrativa e higienizadora.

4.3 Participantes do estudo

Os participantes deste estudo são pacientes do sexo masculino que estão em tratamento devido ao uso abusivo de substâncias psicoativas no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. São 10 os participantes, com idades na faixa etária entre 19 e 51 anos, solteiros e procedentes da região nordeste da Cidade de Canoas. O ensino fundamental incompleto foi um dos requisitos para participar deste estudo. Todos os participantes tinham prontuários e foram acolhidos no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas da região nordeste, no bairro Igara, da Cidade de Canoas. O acolhimento acontece quando o usuário de substância psicoativa chega ao local de atendimento, é feito um prontuário com os dados de identificação da pessoa. O próximo passo é a efetivação do acolhimento, realizada pela equipe técnica, que é composta por profissionais da área da saúde, psicólogos, enfermeira e assistentes sociais que serão as referências durante o tratamento do paciente.

Os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Entrevista, que pode ser verificado conforme Apêndice B, na página 97 deste trabalho. Esse procedimento respalda o pesquisador e outros participantes por que:

A concordância do entrevistado em colaborar na pesquisa já denota sua intencionalidade – pelo menos a de ser ouvido e considerado verdadeiro no que diz -, o que caracteriza o caráter ativo de sua participação, levando-se em conta que também ele desenvolve atitudes de modo a influenciar o entrevistador (SZYMANSKI, 2004, p. 12).

4.4 Instrumentos para a coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados foram: roteiro com perguntas semi-estruturadas, um roteiro investigativo com perguntas estruturadas e observação dos pacientes no ambiente do CAPS ad.

Foram 10 pacientes masculinos que participaram da entrevista semi-estruturada, usuários e dependentes de álcool e outras drogas, que realizam tratamento no CAPS ad. A entrevista semi-estruturada conforme Pádua (2004, p. 70) é um dos procedimentos,

[...] mais usados em pesquisa de campo, tem suas vantagens como meio de coleta de dados: possibilita que os dados sejam analisados quantitativa e qualitativamente, pode ser utilizada com qualquer segmento da população e se constitui como técnica muito eficiente para obtenção de dados referentes ao comportamento humano.

A entrevista semi-estruturada dá condições ao entrevistador de organizar certo número de questões, de acordo com o tema que está sendo inferido, e permite que o entrevistado aproprie-se do tema e fale livremente, desdobrando o assunto inicial. Para que o entrevistado pudesse discorrer sobre o tema que está sendo estudado foi elaborado um roteiro com questões norteadoras conforme Apêndice C, que pode ser verificado na página 100 deste trabalho.

As questões da entrevista semi-estruturada têm como tema o fracasso escolar e o início do uso de substância psicoativa lícita e ilícita, além do relacionamento na escola com os colegas e professores e a vida no meio familiar.

Trivinõs (2008) acredita que a entrevista semi-estruturada parte de certos questionamentos iniciais, baseados em teorias e hipóteses, que importam à pesquisa, oferecendo um vasto campo de interrogativas, são as novas hipóteses que surgem em decorrência das respostas do entrevistado. O entrevistado ao seguir a linha do seu pensamento e de suas experiências, considerando o foco colocado pelo investigador, passa a colaborar com a elaboração do conteúdo da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas em sala apropriada, que preservasse a privacidade dos participantes e nos dias da semana em que havia grupoterapia com os pacientes. O depoimento foi anotado a partir das respostas obtidas das perguntas semi-estruturadas. A identificação dos pacientes foi preservada, e na análise e interpretação dos dados foi dado nome fictício ao entrevistado. O objetivo principal da entrevista foi conhecer e analisar o que causou as repetências e a evasão escolar. Segundo Szymanski (2004, p. 12):

[...] a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação. A intencionalidade do pesquisador vai além da mera busca de informações: pretende criar uma situação de confiabilidade para que o entrevistado se abra. Deseja instaurar credibilidade e quer que o interlocutor colabore, trazendo dados relevantes para seu trabalho.

Para o conhecimento do perfil do paciente acolhido no CAPS ad foi elaborado um roteiro investigativo contendo 20 questões. Esse roteiro investigativo (Apêndice D, p. 101 deste trabalho) com perguntas estruturadas, foi levantado e através da análise dos dados, passou-se a conhecer o perfil do paciente usuário de substância psicoativa do CAPS ad Nordeste. Foram retirados do arquivo existente no CAPS ad Nordeste 295 prontuários de pacientes, todos acolhidos nesse local, nos quais foram coletados os dados conforme as perguntas estruturadas do roteiro investigativo. A análise do perfil do usuário do CAPS ad foi a base para a segunda parte da pesquisa de cunho qualitativo. Os dados do perfil do usuário como a idade, escolaridade, idade de início do uso da substância e outros, foram relevantes para a formalização das perguntas semi-estruturadas. A metodologia quantitativa foi necessária para a efetivação da pesquisa qualitativa.

[...] no desenvolvimento do emprego de metodologias quantitativas, o que se procura é [...] controlar o exercício da intuição e da imaginação, mediante a adoção de procedimentos bem delimitados que permitam restringir a ingerência e a expressão da subjetividade do pesquisador (MARTINS, 2004, p. 292).

As observações realizadas tiveram a intenção de obter determinados aspectos da dinâmica de vida dos pacientes, enquanto, participavam das atividades no CAPS ad, segundo Marconi e Lakatos (2006, p. 88), “não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.” A observação é um modo relevante de contato com o real, um instrumento que proporciona novos conhecimentos.

As observações foram registradas no diário de campo que é onde se registra aquilo que “[...] o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 150). Cada observador deve desenvolver um método pessoal, durante o ato de fazer as anotações, interferindo o mínimo possível nas situações observadas (Vianna, 2003). A observação é uma técnica que complementa a entrevista.

4.5 Procedimentos para análise de dados

Os dados foram analisados de acordo com a Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Lawrence Bardin (2004), que denota pertinência com este estudo. A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que analisa a comunicação. Essa técnica consiste na descrição analítica, sendo complementada pela interpretação dos dados com o uso da objetividade, possibilitando garantias para a compreensão dos significados do conteúdo manifesto.

A análise de conteúdo é empregada tanto na abordagem quantitativa quanto na abordagem qualitativa e, nesta última, é de interpretação inferencial. Nesta investigação, a análise de conteúdo do material coletado seguiu três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Segundo Triviños (2008, p.161): “[...] o processo de análise de conteúdo pode ser feito da seguinte forma: pré-análise (organização do material), descrição analítica dos dados (codificação, classificação, categorização), interpretação referencial (tratamento e reflexão)”.

Na primeira etapa, a pré-análise, foi feita a leitura dos dados obtidos com a realização do roteiro investigativo (20 questões relativas à situação sócio-demográfica, grau de instrução, história familiar de dependência, vínculo familiar ao serviço, e outras tantas perguntas sobre o tratamento), que vinculei à metodologia quantitativa. Em outro momento da pesquisa, com a metodologia qualitativa, as respostas às perguntas das entrevistas semi-estruturadas foram lidas e houve o desmembramento dos textos, com o objetivo de encontrar unidades temáticas que focassem o fenômeno pesquisado.

Na segunda etapa, tanto os dados do roteiro investigativo, como os dados apreendidos do texto das entrevistas, foram transformados em unidades de sentido e receberam um título que expressasse o que os caracterizam. Conforme Pádua (2004, p. 82-83) na fase da categorização dos dados três são as dimensões a serem observadas:

- pertinência: deve-se verificar se a informação registrada pertence à área pesquisada e é efetivamente essencial à pesquisa [...] Caso a pertinência do item em questão seja duvidosa, a ficha de apontamentos pode ser arquivada para verificação ou utilização posterior;
- relevância: mesmo que a informação pertença à área pesquisada, pode não ser relevante para a pesquisa em questão. O problema da relevância

vai depender do conhecimento do pesquisador em relação à sua área de especialização, e de uma análise comparativa das informações coletadas;

- autenticidade: ao longo da pesquisa pode-se encontrar citações não-documentadas, quando vários autores e obras são consultados sobre determinado assunto. Deve-se então localizar e documentar a informação original, para que possa ser incorporada como nota crítica da pesquisa. Verificar também se não há concentração de informações consideradas ultrapassadas.

Na terceira e última etapa, foram formuladas inferências e interpretações sobre os resultados deste estudo, mas sempre com base nos objetivos iniciais. A partir deste momento, o pesquisador confrontará suas interpretações e inferências com os pressupostos teóricos que embasam seu estudo, procurando sintetizar os resultados.

Procedeu-se à análise dos resultados por meio da compilação dos dados coletados através do roteiro investigativo, que formalizou o perfil do usuário e dependente de substâncias psicoativas do CAPS ad Nordeste e, ainda, através das leituras das respostas às perguntas da entrevista semi-estruturada e observações. Os dados foram organizados e problematizados em vista do saber teórico existentes na literatura, sendo estabelecido um diálogo entre pesquisadora e autores do referencial teórico existente.

5 OS DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo apresenta-se os dados obtidos com a aplicação do roteiro investigativo (Apêndice D, pag. 101 deste trabalho) e com as respostas à entrevista semi-estruturada (Apêndice C, p. 100 deste trabalho). Esclareço que a estrutura do perfil dos pacientes usuários e dependentes da substância psicoativa do CAPS ad Nordeste foi obtida a partir do mencionado roteiro investigativo.

No período de dezembro/2011 a fevereiro/2012, com a utilização do roteiro investigativo composto de 20 questões, foi realizada pesquisa em 295 prontuários de pacientes pertencentes ao arquivo do CAPS ad.

A partir dos dados obtidos com essa primeira parte da pesquisa, obteve-se dados suficientes e necessários à estruturação da entrevista semi-estruturada.

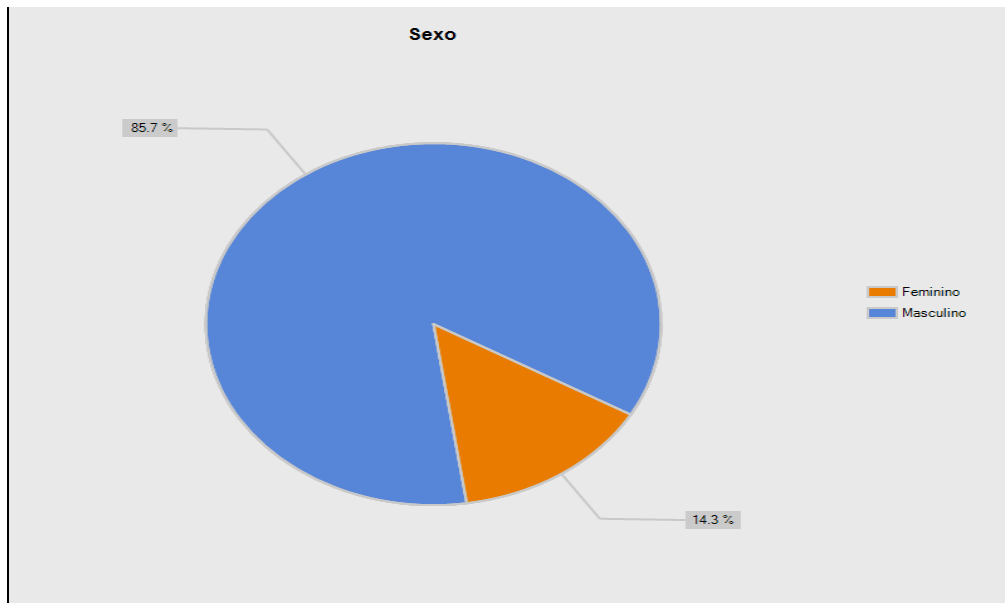
Das 20 questões integrantes do roteiro investigativo, serão utilizados os resultados de 10 questões, as quais considera-se pertinentes aos dois momentos da pesquisa.

Além das 10 questões acima citadas, será descrita as questões relativas à vida escolar do paciente do CAPS ad incluídas no roteiro da entrevista semi-estruturada, a qual foi aplicada a 10 pacientes no período de abril a maio de 2012.

5.1 Roteiro investigativo

O gráfico 01 apresenta a distribuição percentual, segundo o sexo dos usuários e dependentes acolhidos no CAPS ad Nordeste de Canoas/RS.

Gráfico 01: Percentual segundo o sexo dos dependentes

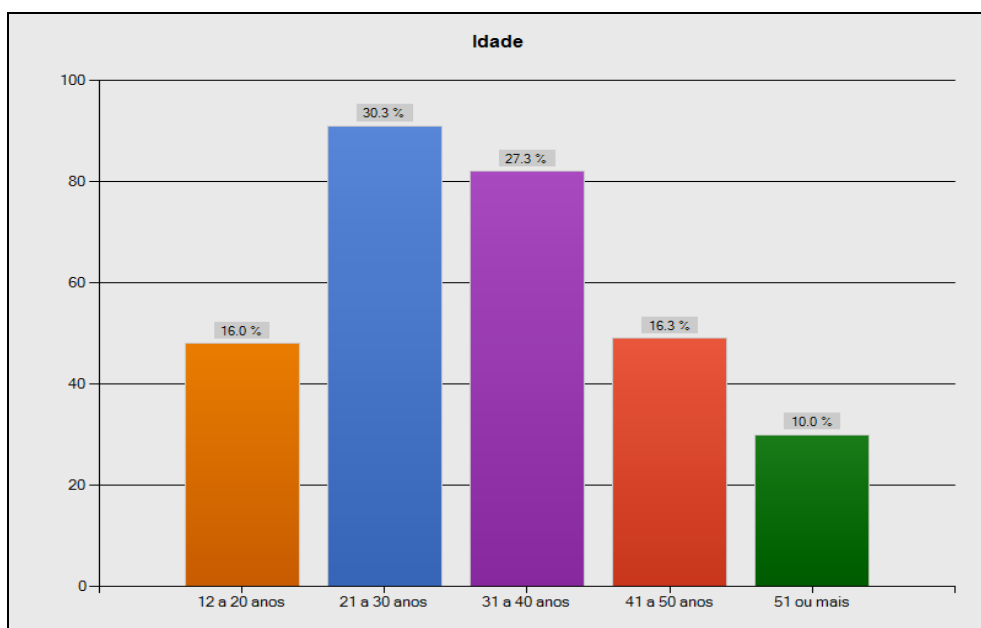


Fonte: Autoria própria, 2012.

De acordo com o gráfico 01 verifica-se a predominância do sexo masculino, totalizando 85,7%.

O gráfico 02 demonstra a distribuição percentual, de acordo com a faixa etária dos usuários e dependentes acolhidos no CAPS ad Nordeste de Canoas/RS.

Gráfico 02: Percentual conforme a faixa etária

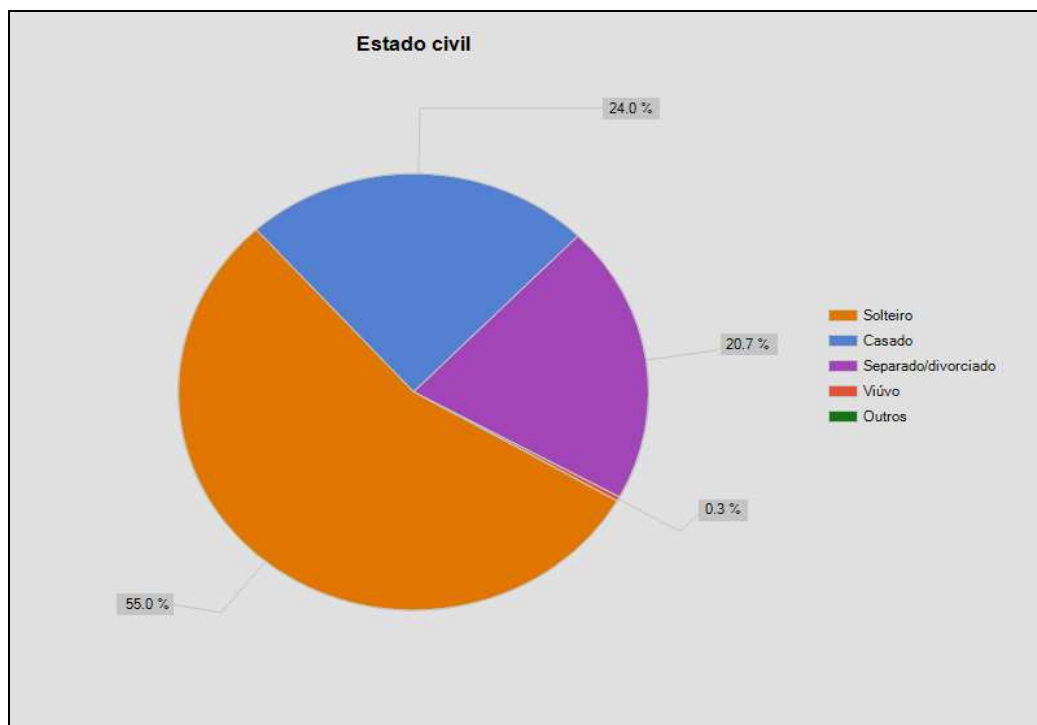


Fonte: Autoria própria, 2012.

Com relação à faixa etária, a maioria dos usuários, 30,3% tem entre 21 e 30 anos; 27,3% entre 31 e 40 anos; 16,3% dos pacientes têm entre 41 e 50 anos; 16,0% entre 12 e 20 anos; 10,1% dos usuários têm 51 anos ou mais.

O gráfico 03 apresenta o estado civil dos usuários e dependentes do CAPS ad Nordeste de Canoas/RS.

Gráfico 03: Percentual de acordo com o estado civil

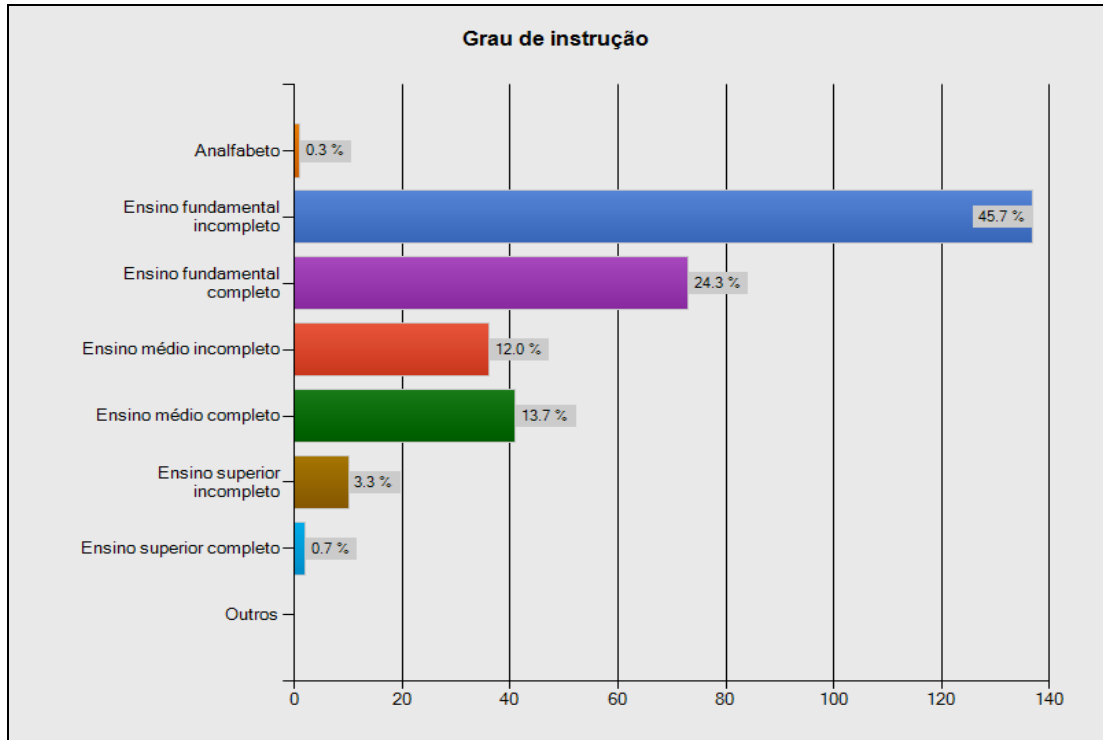


Fonte: Autoria própria, 2012.

Os solteiros predominam entre os usuários com um percentual de 55,0%; 24,0% são casados; 20,7% são separados/divorciados; 0,3% são viúvos.

O gráfico 04 apresenta o grau de escolaridade dos usuários e dependentes acolhidos no CAPS ad Nordeste de Canoas/RS.

Gráfico 04: Percentual segundo o grau de instrução

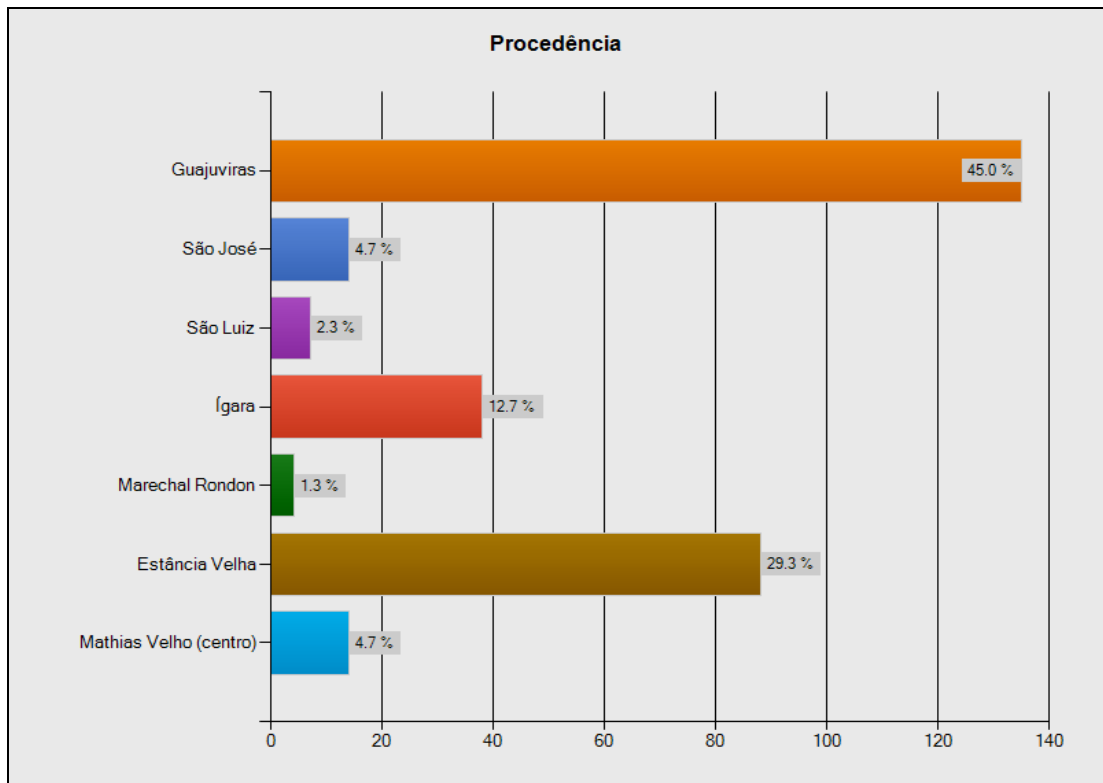


Fonte: Autoria própria, 2012.

Quanto à escolaridade, verifica-se que a maioria (45,7%) dos usuários e dependentes de substâncias psicoativas não concluíram o ensino fundamental; 24,3% têm o ensino fundamental completo; 13,7% o ensino médio completo; 12,0% o ensino médio incompleto; 0,7% ensino superior; 0,3% de analfabetos.

O gráfico 05 demonstra a procedência dos usuários e dependentes acolhidos no CAPS ad Nordeste de Canoas/RS.

Gráfico 05: Percentual conforme a procedência

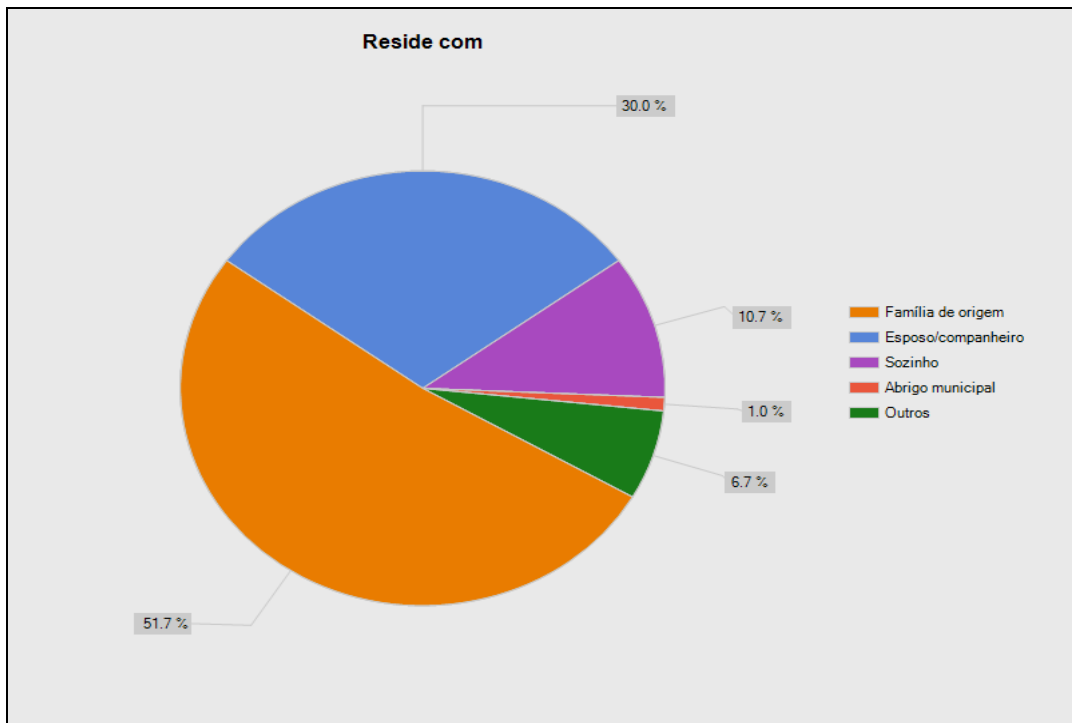


Fonte: Autoria própria, 2012.

Quanto à procedência dos usuários e dependentes de substância psicoativa, verificou-se que a grande maioria é de moradores do bairro Guajuviras (45,0%); 29,3% do bairro Estância Velha; 12,7% do bairro Igara; nos bairros São José e Mathias Velho o percentual é de 4,7% em cada um; 2,3% do bairro São Luís; 1,3% do bairro Marechal Rondon, todos situados na região nordeste da Cidade de Canoas/RS.

O gráfico 06 apresenta com quem residem os usuários e dependentes acolhidos no CAPS ad Nordeste de Canoas/RS.

Gráfico 06: Percentual de com quem reside o dependente

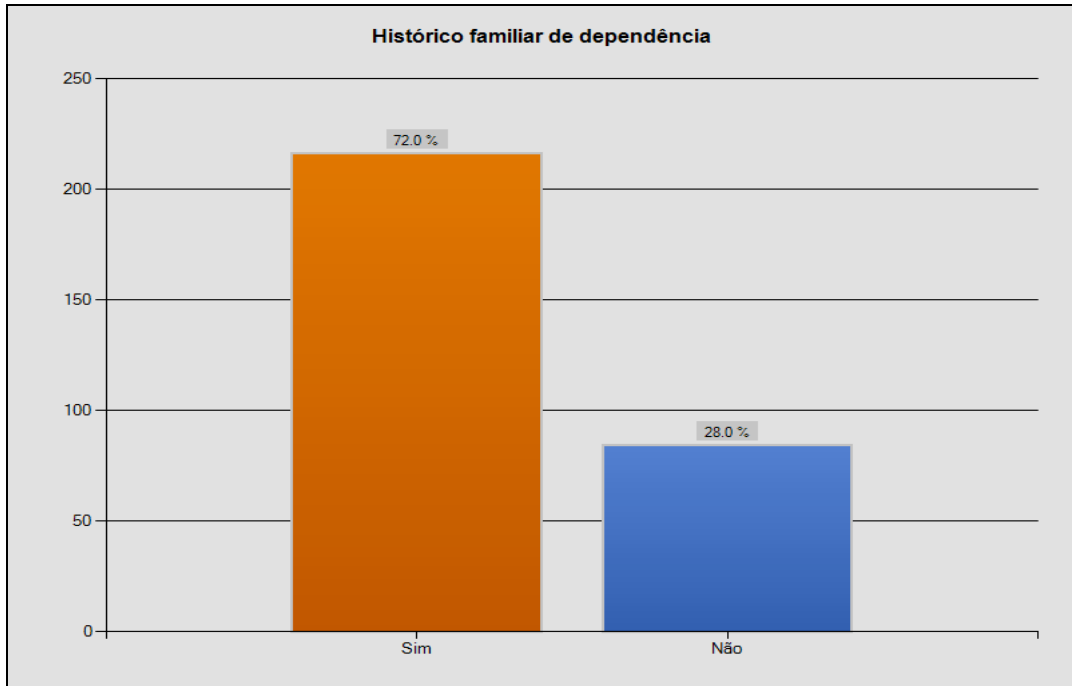


Fonte: Autoria própria, 2012.

Verificou-se que a grande maioria dos usuários e dependentes de substância psicoativa, 51,7% reside com a família; 30,0% com esposo/companheiro; 10,7% residem sozinhos; 6,7% outros; 1,0% em abrigo municipal.

O gráfico 07 demonstra o histórico familiar dos usuários e dependentes acolhidos no CAPS ad Nordeste de Canoas/RS.

Gráfico 07: Percentual conforme Histórico Familiar de dependência

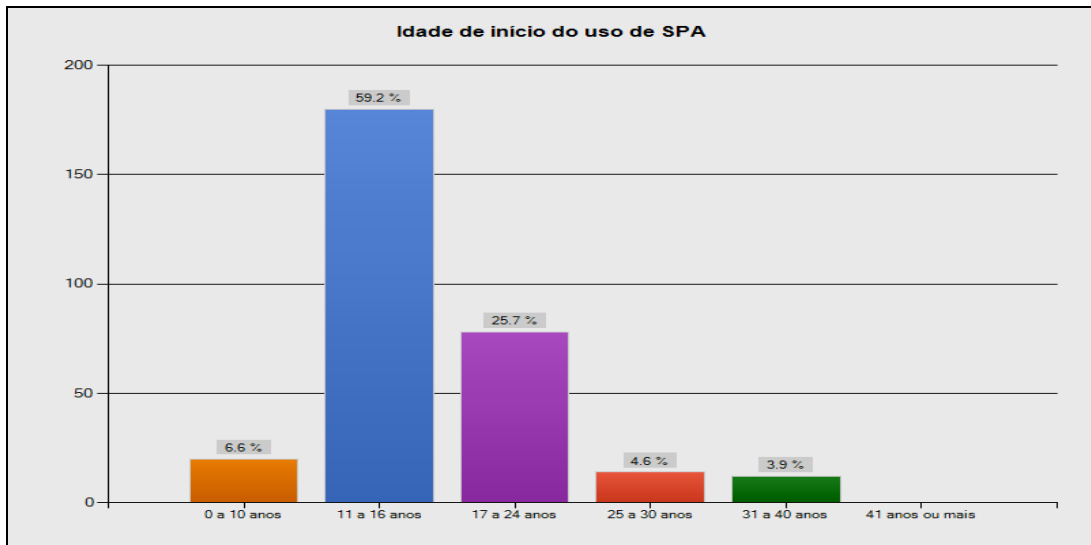


Fonte: Autoria própria, 2012.

Verifica-se, quanto ao histórico familiar de dependência, que a maioria (72,0%) possui familiares dependentes de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas.

O gráfico 08 apresenta a idade de início do uso da substância psicoativa pelos usuários e dependentes acolhidos no CAPS ad Nordeste de Canoas/RS.

Gráfico 08: Percentual de acordo com a idade de início de uso do SPA

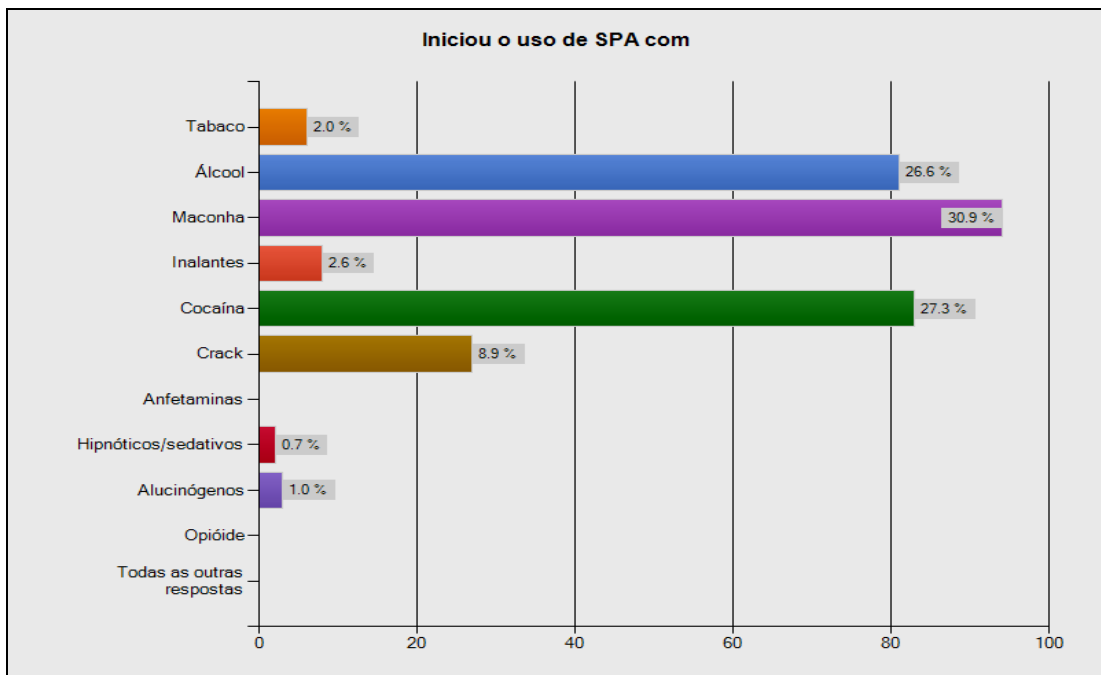


Fonte: Autoria própria, 2012.

Constatou-se que a maioria dos usuários do CAPS ad fez uso de substância psicoativa pela primeira vez entre 11 e 16 anos, totalizando 59,2% e 25,7% na faixa etária de 17 a 24 anos.

O gráfico 09 apresenta a substância psicoativa primeiramente utilizada pelos usuários e dependentes acolhidos no CAPS ad Nordeste de Canoas/RS.

Gráfico 09: Percentual segundo o primeiro uso de SPA

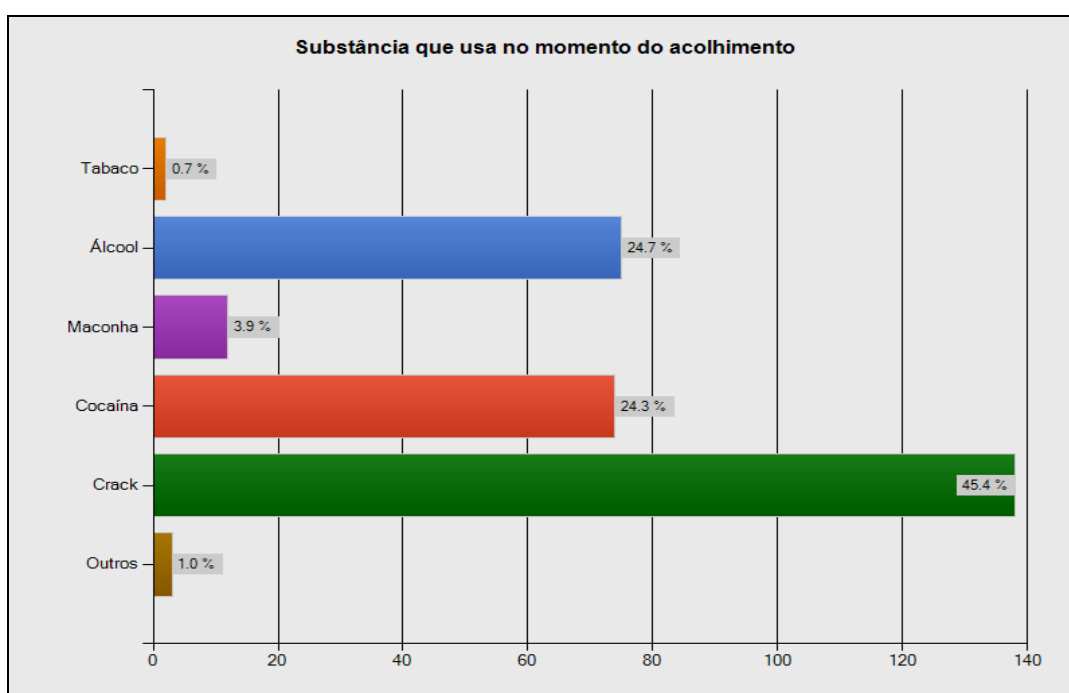


Fonte: Autoria própria, 2012.

Os pacientes do CAPS ad em um percentual de 30,9% fizeram o primeiro uso de substância psicoativa com a maconha; 27,3% com a cocaína; 26,6% com o álcool; 8,9% com o crack; 2,6% com inalantes; 2,0% com tabaco; 1,0% com alucinógenos; 0,7% com hipnóticos e sedativos.

O Gráfico 10 apresenta a substância psicoativa utilizada pelos usuários e dependentes no momento do acolhimento no CAPS ad Nordeste de Canoas/RS.

Gráfico 10: Percentual segundo a substância usada no acolhimento



Fonte: Autoria própria, 2012.

A substância psicoativa mais usada pelos pacientes que chegam para o acolhimento no CAPS ad é o crack 45,4%; 24,7% fazem uso do álcool; 24,3% preferem cocaína; 3,9% usam maconha; 0,7% o tabaco e 1,0% fazem uso de outras substâncias.

Quanto aos dados obtidos com as demais respostas ao roteiro investigativo (cfe. apêndice D) passarei a descrevê-los a seguir: não há vínculo familiar ao tratamento em 50,3% e 27,3% dos familiares comparecem sistematicamente. O comparecimento ao CAPS ad pelos usuários em 63,3% se dá através da livre iniciativa. A idade de aumento do uso do SPA acontece na faixa etária dos 21 aos 30 anos em um percentual de 40,8%. O percentual de 60,2% refere-se a tratamentos

anteriores. A aderência ao tratamento se dá até 30 dias em um percentual de 56,9%. As comorbidades ou doenças pré-existentes em um percentual de 62,2% não ocorrem. Os pacientes em um percentual de 59,9% têm outras fontes de prazer além da droga. Quanto ao histórico de envolvimento judicial 74,0% não tem histórico. A vida laborativa dos pacientes denota o desemprego em um percentual de 54,9%.

5.2 Entrevista semi-estruturada

A entrevista semi-estruturada é composta de um roteiro contendo questões relativas a dados pessoais e outras questões referentes à vida escolar do entrevistado.

No quadro 01 é apresentada a distribuição dos 10 entrevistados com suas caracterizações. Os nomes dos entrevistados foram trocados para preservar a real identidade dos mesmos.

Quadro 01: Caracterizações dos entrevistados

Nomes (fictícios)	Sexo	Idade	Estado Civil	Reside com	Histórico Familiar de Dependência
Cláudio	M	30	Solteiro	Sozinho	Pai – álcool; Irmão – maconha/álcool
Valter	M	22	Solteiro	Sozinho	Primos maternos e paternos - cocaína
Roberto	M	30	Solteiro	C/mãe	Não há
Flávio	M	24	Solteiro	C/mãe	Primos/irmãos – álcool/crack
Geraldo	M	19	Solteiro	companheira	Tio materno – múltiplas drogas
Bernardo	M	46	Solteiro	Sozinho	Pai – álcool
Erasmus	M	34	Solteiro	C/mãe	Tio paterno – maconha, álcool e crack
Milton	M	47	Solteiro	C/mãe	Não há
Mauro	M	33	Solteiro	C/mãe	Pai /Mãe/Tio – álcool
Alceu	M	51	Solteiro	Sozinho	Mãe – álcool

Fonte: Autoria própria, 2012.

Constata-se, de acordo com o quadro 01, que todos são do gênero masculino e o estado civil solteiro. A faixa etária dos entrevistados foi de 19 aos 51 anos. Quatro foram os entrevistados que responderam residir sozinho; cinco disseram morar com a mãe e apenas um entrevistado tem uma relação estável com companheira. Quanto ao histórico familiar de dependência, oito entrevistados

confirmaram a existência no meio familiar de abuso de drogas e dois entrevistados negaram a existência de dependências de drogas lícitas e ilícitas na família.

O quadro 02 apresenta os dados sobre a vida escolar dos entrevistados juntamente com o início do uso de substâncias psicoativas e a evolução do uso dessas substâncias, até o momento do acolhimento no CAPS ad Nordeste

Quadro 02: Vida escolar, o início e evolução do uso de SPA.

Nomes (fictícios)	Estudou em Escola	Grau Instrução	Repetência Série	Evasão Série	Drogas quando da Evasão	Drogas quando do acolhimento
Cláudio	Municipal e Estadual	3ª série completa	2 anos na 2ª série	4ª série	Maconha aos 11 anos	Álcool/ Crack
Valter	Estadual	6ª série completa	2 anos na 2ª série; 1 ano na 4ª série; 2 anos na 5ª série	7ª série	Cocaína aos 16 anos	Cocaína
Roberto	Municipal e Estadual	6ª série completa	1 ano na 6ª série	7ª série	Maconha e Crack aos 14 anos	Crack
Flávio	Municipal	6ª série completa	2 anos na 3ª série; 2 anos na 5ª série	7ª série	Não usava drogas aos 16 anos	Crack
Geraldo	Municipal e Estadual	5ª série completa	Não houve	6ª série	Cocaína aos 12 anos	Cocaína
Bernardo	Estadual	2ª série completa	1 ano na 2ª série	3ª série	Álcool aos 10 anos	Álcool
Erasmus	Municipal	4ª série completa	2 anos a 5ª série	5ª série	Tabaco/Álcool/ Maconha aos 12 anos	Álcool Tabaco/ Maconha
Milton	Municipal	3ª série completa	Não houve	4ª série	Não	Álcool
Mauro	Municipal	3ª série completa	1 ano na 2ª série	4ª série	Tabaco/ Maconha aos 11 anos	Álcool/ Cocaína/ Crack
Alceu	Municipal e Estadual	5ª série completa	1 ano na 4ª série; 1 ano na 6ª série	6ª série	Álcool/ Maconha aos 15 anos	Álcool/ Maconha

Fonte: Autoria própria, 2012.

Quanto à vida escolar dos entrevistados, conforme Quadro 2, foram apurados os seguintes dados: os 10 entrevistados estudaram em escolas municipais e estaduais. Quanto ao grau de instrução: 3 entrevistados completaram a 3ª série; 3 entrevistados completaram a 6ª série; 2 entrevistados completaram a 5ª série; 1 entrevistado completou a 2ª série e 1 entrevistado completou a 4ª série. A repetência

entre os entrevistados está presente em 8 deles, sendo que alguns apresentam entre 1 ano a 5 anos de repetência. A evasão da escola entre 3 entrevistados ocorreu na 7ª série; 3 entrevistados evadiram-se na 4ª série; 2 evadiram-se na 6ª série; 1 evadiu-se na 5ª série e 1 entrevistado retirou-se da escola na 3ª série. Quanto ao início do uso de substância psicoativa no período da evasão escolar, verificou-se que 8 entrevistados confirmaram o uso de substância psicoativa, 1 dos entrevistados considerou como causa da evasão escolar o início de trabalho, outro entrevistado, o seu mau comportamento com os colegas devido a brigas. A faixa etária da evasão escolar ocorreu entre os 10 e 16 anos. Por ocasião do acolhimento no CAPS ad, 3 dos entrevistados estavam usando substâncias com poder de dependência maior do que no período da evasão escolar; 5 mantiveram o uso das mesmas substâncias psicoativas; 2 entrevistados afirmaram que não usavam substância psicoativa à época da evasão da escola, mas quando do acolhimento, estavam usando álcool e crack.

Outros dados da entrevista semi-estruturada, não elencados neste capítulo, serão discutidos no próximo.

6 DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo tem por objetivo discutir os dados obtidos a partir do roteiro investigativo e os resultantes das entrevistas semi-estruturadas juntamente com as contribuições dos vários autores que embasam o referencial teórico.

Os resultados apresentados no gráfico 01 denotam a prevalência do sexo masculino, uma vez que essa predominância é própria desse local. O sexo masculino foi critério de inclusão para a realização da pesquisa na entrevista semi-estruturada.

Alguns autores relacionam o uso do álcool e a doença alcoolismo como predominante no sexo masculino. Corroboram com esta idéia: Vidal, Possa e Ribeiro (1993), que usou o teste CAGE em 100 pacientes; Schuckit (1991) considera predominante no alcoolismo os homens de 30 a 50 anos.

Sabemos que o uso de drogas não se restringe aos homens, havendo entre as mulheres um expressivo aumento do uso e de dependência. Tanto o álcool, como outras drogas ilícitas, não discriminam sexo, idade, religião ou camadas sociais e a cada ano surgem novos dependentes e vítimas da morbidade dessas substâncias psicoativas.

No gráfico 02 verifica-se que as faixas etárias que prevaleceram entre os usuários e dependentes de substâncias psicoativas do CAPS ad, foram entre 21 e 30 anos e 31 e 40 anos. A faixa etária na entrevista semi-estruturada ficou amplamente distribuída entre 19 e 51 anos.

Sobre as faixas etárias dos usuários de álcool, Borini e Silva (1989), em um estudo no Hospital Espírita de Marília em São Paulo, constatou que os pacientes tinham idades distribuídas entre 20 a 79 anos, sendo 63% com idade situada entre 20 e 40 anos. Simão, Andrade e Rezende (1989), em um programa de atendimento a 99 pacientes masculinos constataram a prevalência das idades entre 31 e 40 anos. Em *Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias* (2010), a maior porcentagem de uso de crack na vida foi encontrada em homens, na faixa etária de 25 a 34 anos, constituindo 3,2% da população adulta ou 193.000 pessoas.

Quanto aos dados encontrados, pode-se dizer que estão em conformidade com os achados na literatura antes mencionada. Esses dados da literatura

comparados com os desta pesquisa são bem significativos em vista das diferenças entre as populações pesquisadas.

O gráfico 03 apresenta o estado civil dos pacientes, prevalecendo o estado solteiro, da mesma forma que no Quadro 1 da entrevista semi-estruturada. A desestruturação dos laços maritais e parentais se faz comum no meio dos usuários de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. Simão, Andrade e Rezende (1989), consideram que elevado número de pacientes estão com a estrutura familiar comprometida, ou com poucas chances de se consolidar. O que seria um fator limitante para as perspectivas de recuperação e readaptação social.

O álcool e outras substâncias psicoativas são fatores desagregadores no contexto familiar, mais precisamente no relacionamento do casal, trazendo conseqüências estressantes que geram o adoecer de todo o grupo familiar.

Quanto ao nível de instrução, constante no gráfico 04, há predominância do ensino fundamental incompleto. Esse resultado foi decisivo como critério de inclusão na seleção dos pacientes para a entrevista semi-estruturada apresentada no quadro 01. Para possibilitar o entendimento do objeto deste estudo relacionarei os gráficos 04, 08, 09 e 10 e os quadros 01 e 02. Após essa exposição retornarei aos gráficos 05, 06 e 07 com as características ainda não discutidas dos quadros 01 e 02.

Câmara, Tambellini e Roselli Cruz (2010), em uma pesquisa sobre prevenção de dependência de drogas entre estudantes, analisaram 68.210 questionários entre os anos de 2000 e 2003, prevalecendo os estudantes do ensino fundamental (71%).

O ensino fundamental é uma etapa obrigatória da educação básica, é um dever do Estado e um direito do cidadão. As matrículas no ensino fundamental, segundo dados do Plano Nacional de Educação de 1998, atingiram 36 milhões de alunos, sendo que apenas 9,5% estavam no ensino privado. Os alunos do ensino fundamental para concluir os oito anos de escolaridade obrigatória levam em média 10,4 anos. De acordo com Libâneo (2003), 2,7 milhões de crianças com idades de 7 a 14 anos encontram-se fora da escola. Moreira (2010) referencia dados da PNAD, realizada em 2008, constatando que há no Brasil quase 500 mil crianças analfabetas na faixa etária dos 10 aos 14 anos.

Em Aranha (2006), os educadores, Dewey e Anísio Teixeira, defendiam a democratização do ensino, a educação como direito através da instalação da escola pública, universal, laica, gratuita e unitária. As crianças e jovens, sem exclusão dos segmentos populares, deveriam freqüentar a escola primária e secundária com

finalidades culturais e científicas. Essa igualdade de oportunidades é vista como uma ilusão da Escola Nova.

No quadro 02, quanto ao local de estudo dos entrevistados durante o ensino fundamental, pode-se destacar a prevalência das escolas municipais e estaduais. A repetência escolar esteve presente no ensino fundamental em 8 dos 10 entrevistados, prevalecendo o intervalo entre 1 ano a 5 anos de repetência. Segundo Silva (2005), sobre os altos índices do fracasso escolar, a repetência e a evasão estariam em torno de 65%, chegando até 75% da 6ª à 8ª série.

Ao analisarem-se as falas dos entrevistados quanto à repetência escolar, vê-se o quanto se responsabilizam, em alguns momentos mencionam a escola ou a família como possível causa da repetência ou exclusão precoce da escola. Na pergunta 3 do roteiro de entrevista: Houve repetência? Se sim, em que série e idade? E o que você responsabilizaria pela questão da repetência? Responderam:

Cláudio: repetiu a 2ª série por duas vezes. “Não gostava de estudar, a escola era ruim, os professores chatos. Acho que os professores eram chatos, porque fumava um baseadinho na praça e ficava chato.”

Valter: repetiu a 2ª série por 2 anos; a 4ª série por 1 ano; a 5ª série por 2 anos. “Só bagunçava, não gostava de estudar, só gostava quando era matemática. Acho que era hiperativo, não parava”.

Bernardo: repetiu a 2ª série. “Não tinha material escolar, tinha que pedir emprestado, me atrapalhou. Duas professoras, me lembro bem. E a diretora era o general do colégio, tá louco, me deixou de castigo. A família sempre trocava de casa e de cidade. Quando os pais separaram, a casa desabou, não fiquei com o pai e sim com a minha mãe. Cuidava dos irmãos, matava aula, na 3ª série fiquei em recuperação e não quis mais estudar.”

Erasmão: repetiu a 5ª série por 2 anos. “Era bom, gostava da escola e dos colegas. Já bebia e fumava depois maconha. Acho que só queria ficar pela rua com a gurizada que fazia uso.”

Roberto: repetiu a 6ª série. “No começo estava tudo legal, bem na escola conforme o tempo passava, quando conheci a dependência tudo me atrapalhou, maconha, crack. Não ficava até o final dos períodos.”

Flávio: repetiu a 3ª série por 2 anos; a 5ª série por 2 anos. “Não tinha atenção e conversava muito, os professores chamavam minha atenção. Os professores

chamaram os pais e me castigaram. O castigo me ajudou a continuar na escola. Quando perdi meu pai, por desgosto saí da escola e fui trabalhar.”

Mauro: repetiu a 2ª série. “Era bom, gostava dos professores e colegas, ia maconhado (risos) para a escola e dormia a maior parte do tempo. Era sempre arruaceiro, não ficava em casa. Fui expulso no meio do ano (4ª série), porque quebrei o nariz do colega, já usava cigarro e maconha. Em casa era legal, para não deixar furo para a mãe.”

Alceu: repetiu a 4ª série; 6ª série. “A escola foi boa porque os professores tinham contato direto com os pais. Acho que era preguiçoso em sala de aula, gostava de ler e não de escrever. Mais matava aula do que estudava, para beber e fumar maconha dava briga em casa por causa do uso das drogas.”

Ao refletir sobre as falas dos entrevistados, constata-se falhas da instituição escolar, dos professores e da família nos seguintes aspectos: a escola e os professores que não acolhem com o devido cuidado aquele estudante que já vem repetindo as séries no ensino fundamental; a família que fecha os olhos para jovens que mudam de comportamento com o uso de substâncias, ou quando nos anos iniciais da escolarização, ainda não usuários de substâncias, mas repetentes, que se dizem hiperativos, ansiosos, que tem perdas, como a morte do pai. Para Perrenoud (2001, p. 18), o fracasso escolar “[...] o fracasso da escola, que as crianças não estão naturalmente destinadas a serem bons ou maus alunos, mas que assim se tornam devido a um funcionamento particular do sistema escolar. [...] a escola transforma diversas diferenças e desigualdades em fracassos e sucessos escolares.” Freire (2009) considera que fechar o mundo aos outros é uma transgressão ao desejo natural da incompletude, pois o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto uma relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade.

De acordo com Bourdieu (2008), a desigualdade entre as crianças diante da escola e os determinantes que eliminam as menos favorecidas, depende de mecanismos objetivos. Cada família transmite aos filhos sua herança cultural e certo sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que intervêm para definir as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. O êxito escolar da criança está vinculado à ação do meio familiar.

A atitude familiar diante da escola desempenha um papel determinante quanto à continuidade dos estudos ou a descontinuidade dos mesmos. Tanto a

família como a escola contribuem para o sucesso da criança no ambiente escolar ou no seu fracasso.

Hutz (2002) aponta que os fatores de risco para a delinquência entre crianças e jovens estão em todas as classes sociais e não somente a pobreza em si mesma como causa. A pobreza torna-se um fator de risco para a delinquência por seus efeitos diretos e indiretos na família e na vizinhança da criança e do adolescente. Famílias pobres têm de lidar com uma série de dificuldades e restrições que competem pela atenção e disponibilidade dos adultos. Segundo Osório, sobre o cuidado:

Os pais ao cuidar, proteger, disciplinar e supervisionar os filhos estão demonstrando afeto, e responsabilidade nas suas tarefas parentais. Famílias onde há sinais de desestruturação, como a presença de atividades ilícitas, de vandalismo e um clima de permissividade e violência tornam o ambiente familiar um local inadequado para o desenvolvimento saudável de seus filhos.

Nos tempos atuais de uma sociedade globalizada, onde o consumismo e a mídia ditam as regras, a família como unidade básica está em crise. Como herdeira da revolução industrial, em todas as classes sociais as aspirações à ascensão sócio-econômica são as mesmas (OSÓRIO, 1992).

O quadro 02, demonstra que a evasão escolar ocorreu na 6ª e 7ª séries em 5 dos entrevistados entre 10. Por ocasião da evasão escolar a faixa etária dos entrevistados estava entre os 10 e 16 anos. Em torno de 8 entrevistados confirmaram o uso de substância psicoativa no período da evasão escolar. Esse dado foi confirmado no roteiro investigativo, no gráfico 08, em que o início do uso da substância psicoativa pelo paciente está na faixa etária entre 11 e 16 anos em um percentual de 59, 2%.

Segundo Lewis (1995, p. 751) “Dos 10 aos 12 anos, os jovens seguidamente iniciam o uso de drogas por cerveja e vinho; progridem para a maconha um pouco depois, e a seguir podem experimentar outras drogas mais pesadas”. Muza; Bettiol; Muccilo; Barbieri (1997) realizaram um estudo na Cidade de Ribeirão Preto – São Paulo, em 21 escolas com estudantes de primeiro e segundo grau. Constataram que a idade da primeira experiência com o consumo de substância psicoativa está na faixa etária dos 14 aos 16 anos, exceto para as bebidas alcoólicas, cuja primeira experiência ocorre antes dos 11 anos.

Os estudos dos autores citados acima corroboram com os resultados obtidos no roteiro investigativo e na entrevista semi-estruturada com relação à idade de início da substância psicoativa.

Há uma carência de políticas públicas mais efetivas na educação básica no Brasil, uma vez que é sabida da existência de milhares de crianças fora da escola. Criança cuja subjetividade não é respeitada, e que é demonstrada através de avaliações que as igualam. A escola deveria estar preparada para uma tarefa básica que é a prevenção primária. Na sociedade atual, o uso de drogas lícitas e ilícitas pelos adolescentes chama a atenção do poder público, é na escola, com o auxílio dos professores e demais dirigentes, que a prevenção primária poderia ser instalada.

A escola comprometida com o educar não deve ignorar o aluno suspeito de usar drogas, excluindo do ambiente escolar. Deve educá-lo, fazendo-o, refletir sobre a gravidade do seu uso e das futuras conseqüências caso dê continuidade (CAVALCANTE, 2003).

O uso de drogas pelos jovens estudantes frequentemente está associado a dificuldades comportamentais no meio escolar, à repetência e à precoce desistência da escola. Sabe-se que as maiores vítimas do processo de produção do fracasso escolar são os alunos de classes sociais desfavorecidas. Na instituição escolar os problemas de aprendizado e o uso de drogas são motivos relevantes de exclusão escolar.

A educação é imposta pela escola e a subjetividade do aluno não é valorizada, ocorrendo, então, sua exclusão já nos primeiros anos escolares, através de vários dispositivos que estruturam o sistema de ensino e as práticas pedagógicas.

Com o uso de substância psicoativa o jovem altera seu comportamento, levando-o a desorganizar-se e, conseqüentemente, à queda em seu rendimento escolar. O professor que conhece seu aluno sente a mudança, porém, essas alterações muitas vezes não são observadas pelos pais. Segundo Tiba (2007, p. 202), “[...] a escola tem por obrigação capacitar-se para enfrentar o maior mal evitável do século, as drogas. [...] A escola precisa ajudá-los a fortalecer a opinião contrária ao uso”.

No Brasil não existe dados precisos sobre a exclusão dos jovens da escola. O consumo de drogas na adolescência é fator de interrupção dos estudos, as pesquisas brasileiras subestimam o uso de drogas entre os estudantes,

diferentemente das pesquisas entre os jovens estudantes norte-americanos. As drogas ilícitas com maior prevalência de uso na vida entre os estudantes brasileiros são os solventes, maconha, ansiolíticos e anfetamínicos. A exceção da maconha, todas as demais substâncias podem ser encontradas nas residências desses adolescentes ou através das farmácias (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRAS, 2011).

O período da adolescência é de grande risco para o início do uso de drogas. O grupo de iguais é de grande relevância, visto que, o adolescente tem necessidade de ser aceito, tem desejo de novas experiências e que sejam compartilhados no grupo, faz da adolescência uma etapa de novas possibilidades tanto positivas como negativas. A sensação de onipotência do adolescente diante das drogas lícitas e ilícitas, induz o jovem a experimentá-las, iniciam pelo álcool ou a maconha e muito rapidamente passam de um estágio de consumo para outro, além de fazerem uso de múltiplas drogas. Na idade adulta muitos destes jovens diminuí significativamente o consumo, para adequar-se às expectativas e obrigações da maturidade, como trabalho, casamento e filhos.

O modo como o adolescente encara o consumo de álcool e outras drogas, visto como algo normal, não trazendo conseqüências futuras, é outro fator de risco para o início do uso de substâncias psicoativas. Características de personalidade como a baixa auto-estima, agressividade, impulsividade, dificuldade de tolerar frustrações são facilitadores do uso abusivo. História familiar com problemas de álcool e outras drogas; sexualidade e início precoce de consumo de álcool e tabaco; amigos com grande consumo de outras drogas; baixo desempenho na escola; sentir-se rejeitado pelos amigos e ter sofrido abuso físico ou sexual. Alguns transtornos psiquiátricos são considerados predisponentes ao início do consumo de drogas são eles: transtorno de conduta, déficit de atenção e hiperatividade, depressão, transtorno de ansiedade e outros (SUPERA, 2006).

No gráfico 09 quanto à primeira substância psicoativa usada pelo paciente, foi encontrada inicialmente a maconha, o álcool e a cocaína. No quadro 02, comprovou-se que a maconha e o álcool foram as substâncias preferidas para o início do uso por 8 entrevistados entre 10.

Segundo Prevenção ao uso indevido de drogas: Curso de Capacitação para Conselheiros Municipais - SENAD E SENASP (2008), dados do Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime (UNODC) apontam que, no mundo todo, cerca de 200 milhões de pessoas – quase 5% da população entre 15 e 64 anos –

usam drogas ilícitas ao menos uma vez por ano. Dentre essas, a droga mais consumida no mundo é a maconha. E, ainda, levantamentos domiciliares realizados em 2001 e 2005 pela Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), em parceria com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), mostram a evolução do consumo de drogas mais usadas. As pesquisas envolveram entrevistados das 108 cidades com mais de 200 mil habitantes do Brasil. Os dados revelaram que a grande maioria da população faz uso de substância lícita, como o álcool, tabaco e medicamentos com finalidades diferentes (aliviar a dor; baixar a ansiedade; reduzir a sensação de cansaço, de depressão; obter prazer; entre outras). Das substâncias de uso ilícito, a maconha, a cocaína e os solventes são as mais utilizadas.

Conforme Prevenção ao uso indevido de drogas: Curso de Capacitação para Conselheiros Municipais (2008), no ano de 2004, foi realizado em 27 capitais brasileiras, o V Levantamento Nacional com estudantes do ensino fundamental e médio, aferindo que o primeiro uso do álcool se deu por volta dos 12 anos de idade, em meio familiar. A substância lícita mais usada no mundo é o álcool.

Câmara; Tambellini; Roselli-Cruz (2010), basearam-se em um estudo entre estudantes de 23 municípios de quatro regiões brasileiras, entre os anos de 2000 e 2003. Desse total nacional de estudantes, em torno de 4% da população pesquisada declararam ter feito uso de drogas alguma vez na vida. Quanto à idade do primeiro uso de drogas, a faixa etária foi dos 11 aos 15 anos para 49% dos entrevistados no total nacional, contra 23% acima dos 15 anos. A família e a escola foram as que prevaleceram na busca de ajuda para evitar as drogas. Para maiores esclarecimentos sobre as drogas, do número total nacional, a escola obteve 32% e a família ficou com 22%.

No gráfico 10 sobre a substância usada no momento em que o paciente é acolhido no CAPS ad, temos como substâncias preferidas o crack (45,4%); o álcool (24,7%) e a cocaína (24,3%). No quadro 02 os entrevistados usuários de substâncias ditas mais leves como a maconha, passaram a abusar de substância psicoativa pesada como o crack. Essa progressão para substâncias psicoativas mais pesadas é própria do curso das dependências. Segundo Lewis (1995), os jovens iniciam o uso pelo álcool, progredem para a maconha, e a seguir experimentam drogas pesadas. O crack é usado em todas as regiões do Brasil e as maiores concentrações são encontradas nas regiões Sul e Sudeste.

Os achados até o momento sobre o nível de escolaridade, decorrentes da repetência e evasão escolar, relacionada ao início de uso de substância psicoativa e a primeira substância abusada, tem revelado semelhanças com as referências bibliográficas consultadas.

No gráfico 05, quanto à procedência dos pacientes, verifica-se que todos são oriundos do CAPS ad da região nordeste da Cidade de Canoas/RS. A importância de investigar pacientes do CAPS ad que convivem em uma mesma região, é a de buscar entendimento sobre situações-limites que possam estar ocorrendo naquela região, o uso de certas substâncias psicoativas, as repetências e a evasão escolar. Busca-se a prevenção.

Na literatura referente à procedência, relaciono vários estudos em diversas cidades como Câmara; Tambellini; Roselli-Cruz (2010) que basearam seus estudos em uma pesquisa com trabalho de prevenção de dependência entre estudantes de 23 municípios de quatro regiões brasileiras. Muza; Betiol; Muccillo; Barbieri (1997), que realizaram um estudo na Cidade de Ribeirão Preto – São Paulo, com 21 estudantes de primeiro e segundo grau da rede pública e privada. Em Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Liderança Comunitária (2010), durante o II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil nas 108 maiores cidades do país.

No Gráfico 6, onde é apresentado com quem reside o paciente do CAPS ad, verifica-se que prevalece a convivência com um integrante da família, a mãe (51,7%). Quanto ao Quadro 1, 5 entrevistados residem com a mãe; 4 entrevistados residem sozinhos e 1 com a companheira. São homens de idades diferenciadas, que convivem com o familiar que os acolhe, a mãe. Outros estão sós. E somente um permanece em uma relação estável.

Pode-se deduzir que o comprometimento com o uso de substâncias psicoativas é traduzido nessas perdas de outros familiares, restando apenas a mãe ao seu lado, a qual luta incansavelmente pela saúde do filho. Essa desestruturação familiar é própria de anos de convivência com o abuso de substância psicoativa.

Essa mulher acolhedora, que cuida, que busca ajuda, quando pensamos no homem e o cuidado, pensamos na sensibilidade da acolhedora mãe. Pascal (1996) cita Kant: o valor de um ato depende da intenção e a regra é que pauta a ação do homem. A máxima da ação, o princípio do querer está na intenção. Afirma Freitag (1992 p. 50), “[...] trata-se de seguir uma diretriz racional, compreendida como tal,

que se impõe à consciência de cada um como necessária e justa, tendo em vista como finalidade última: a defesa e o respeito à dignidade humana”.

Heidegger (1979), sobre o cotidiano do homem, como uma forma de vida inautêntica. O homem é um ser preguiçoso e cansado de si próprio que acovardado diante das dificuldades, prefere vegetar na banalidade e no anonimato. Pensar e viver por meio de idéias e sentimentos acabados e inalteráveis, como ente exilado de si mesmo e do ser. Esse ser alienado, um insumo de uma sociedade contraditória, onde o que interessa é a novidade, o passado é repudiado, o amor, o bem querer tem seu revés na desconfiança, na falta de amizade, a escuta é o desejo de tantos. Homem usuário de drogas, exilado de si mesmo e do ser. Em luta contínua na busca da abstinência, atrelado a uma dependência que o dirige, os caminhos precisam ser seguidos e necessita da mão cuidadosa de muitos, dos profissionais que tem consigo o saber fazer e da família nesse esforço angustiado, a figura da mãe no cuidado e na dedicação. O que diferencia o humano de todos os demais seres segundo Kant (2009), é o conhecimento da representação do eu. O homem é um ser único, por mais que mudanças se sucedam, permanece um ser distinto dos demais seres, em virtude da unidade da consciência.

Heidegger acredita que o homem nunca será um ser acabado, nunca seria tudo aquilo que pode ser, estaria sempre diante de uma série infinita de possibilidades, sobre as quais se projeta. As potencialidades do homem, enquanto homem, permanecem ocultas em sua liberdade. Não cessarão de manifestar-se em decorrência dessa liberdade. Enquanto existirem, os homens serão seres empenhados na conquista de si mesmos.

No Gráfico 7, que apresenta o histórico familiar de dependência, encontrei 72,0% dos familiares com uso de drogas lícitas e ilícitas. No Quadro 1, na entrevista semi-estruturada, são 8 entrevistados com familiares usuários de substâncias lícitas e ilícitas. São pais, mães, irmãos, primos, tios, usuários de álcool, maconha, cocaína e crack.

Supera (2006), relaciona o início do uso de substância psicoativa pelos adolescentes, à história familiar com problemas de álcool e outras drogas, como um dos fatores de risco.

Quando os pais são usuários de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, os filhos os imitam e minimizam os efeitos e a dependência. Pais tabagistas e os que usam bebidas alcoólicas sem restrições, estão doentes, ou mães que consomem

tranqüilizantes ou medicações para dormir, não possuem moral para censurar os filhos quando estes dirigem embriagados ou retornam para casa, intoxicados por maconha.

Quando da realização da pesquisa, intencionou-se investigar se o fracasso escolar estava relacionado ao início do uso de substância psicoativa entre os pacientes do CAPS ad Nordeste. Obteve-se resultados afirmativos quanto a esses questionamentos.

A partir desses resultados, pode-se estruturar o perfil do paciente do CAPS ad conforme descrito a seguir.

Os pacientes do CAPS ad Nordeste da Cidade de Canoas, em sua maioria, são do sexo masculino, solteiros, com idades entre 20 e 40 anos. Os pacientes procedem em grande parte dos bairros Guajuviras e Estância Velha e tem o ensino fundamental incompleto. Residem com um familiar que os acolhe, que nesse caso é a mãe. Possuem familiares com dependências lícitas e ilícitas. A família, em sua maioria, não acompanha o tratamento do paciente no CAPS ad. O paciente comparece para tratamento por livre iniciativa. A idade de início do uso de substância psicoativa ocorreu entre 11 e 16 anos e as drogas que prevaleceram nesse início foram o álcool, a maconha e a cocaína. No momento do acolhimento no CAPS ad a substância psicoativa mais usada era o crack. A idade de aumento de uso da substância foi entre 21 e 30 anos. Os pacientes acolhidos no CAPS ad já vinham de outros tratamentos. A aderência ao tratamento está em 30 dias. Os pacientes não possuem, em sua maioria, doenças pré-existentes, nem envolvimento com a justiça por uso de drogas. A grande maioria dos pacientes está desempregada.

O desemprego entre indivíduos cuja faixa etária é própria do ser produtivo, denota a gravidade das perdas adquiridas quando da dependência de substância psicoativa. O fracasso escolar, a repetência e a evasão da escola é uma forma de exclusão cultural e sócio-econômica, que na contemporaneidade estigmatiza o indivíduo. A família, a escola e a sociedade, estão sofrendo uma série de mudanças, próprias deste tempo, onde tudo e todos são consumíveis. As múltiplas substâncias psicoativas usadas pelo indivíduo são modos de fuga às frustrações, consideradas como intransponíveis. A desistência da escola pelo indivíduo gera a diminuição de oportunidades empregatícias, comprometendo o presente e o futuro daqueles que desistiram de buscar novos conhecimentos.

A sociedade contemporânea, a família e a escola estão vivendo em um período crítico que pode evoluir para o crescimento do ser humano ou negativamente para um aumento dos distúrbios psiquiátricos. Esse evoluir dependerá das gerações futuras, isto é, da capacidade dos indivíduos em resistir às bruscas mudanças do mundo moderno, das situações traumáticas que possam vir a assolar suas vidas, do consumismo, da solidão pelas dificuldades em manter relações verdadeiras, das carências afetivas, da violência a que todos estão submetidos e, com todos esses reveses conservarem suas mentes criativas e produtivas (Fichtner, 1997).

Este estudo sobre o fracasso escolar com pacientes usuários de substâncias psicoativas do CAPS ad Nordeste, convida à reflexão. O início do uso de substâncias lícitas ou ilícitas ou ambas, em idade escolar, remete a um olhar cuidadoso, como profissionais, pais e professores, em relação às mudanças comportamentais dos jovens, ao não comparecimento às aulas sem explicações, à baixa aprendizagem, às repetências. Quem são os amigos dos filhos? O jovem necessita de cuidados e a prevenção deve ser a meta de todos.

A discussão dos resultados, objeto deste capítulo ocorre em função dos dados levantados na investigação com os pacientes do CAPS ad Nordeste, comparando-os com as contribuições trazidas pelos autores incluídos na revisão de literatura, possibilitando uma síntese dos resultados obtidos, os quais serão abordados nas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a problemática investigativa que norteou o estudo, neste capítulo final são retomados, de modo sintetizado os principais achados do estudo e alguns eixos norteadores que viabilizem a reflexão sobre o fracasso escolar e o início do uso de substâncias psicoativas.

Neste estudo procurou-se investigar o perfil do paciente acolhido no CAPS ad Nordeste, gerando dados que mobilizaram a proposição da problemática investigativa: O fracasso escolar, em usuários do CAPS ad, está relacionado ao início do uso de substâncias psicoativas?

Com base nesse problema, foi traçado o objetivo de analisar a ocorrência de fracasso escolar em pacientes do CAPS ad e da possibilidade de relacionar este fracasso ao início do uso de substâncias psicoativas. Quanto aos objetivos específicos, destacam-se: a) Identificar na história de vida dos pacientes do CAPS ad os fatores que possam ter contribuído para o fracasso escolar; b) Relacionar o início do uso de drogas como possível causa do fracasso escolar.

Os dados coletados através do roteiro investigativo e a entrevista semi-estruturada com os pacientes do CAPS ad, constituíram-se em campo de investigação do estudo, e contribuíram para compreender o perfil dos pacientes desse local. Com esses dados foram estruturadas as perguntas da entrevista necessárias para o entendimento do objeto de estudo.

As características obtidas através da investigação realizada possibilitou o entendimento do funcionamento do indivíduo atendido nesse local, das substâncias psicoativas usadas por essa população, o grau de dependência e as dificuldades em dar continuidade aos estudos devido ao início do uso de substância psicoativa.

Em relação aos principais achados do estudo é possível destacar:

a) O perfil dos pacientes do CAPS ad Nordeste da Cidade de Canoas: em sua maioria, são do sexo masculino, solteiros, com idades entre 20 e 40 anos. Os pacientes procedem em grande parte dos bairros Guajuviras e Estância Velha e tem o ensino fundamental incompleto. Residem com um familiar que os acolhe, que nesse caso é a mãe. Possuem familiares com dependências lícitas e ilícitas. A família, em sua maioria, não acompanha o tratamento do paciente no CAPS ad. O paciente comparece para tratamento por livre iniciativa. A idade de início do uso de substância psicoativa ocorreu entre 11 e 16 anos e as drogas que prevaleceram

nesse início foram o álcool, a maconha e a cocaína. No momento do acolhimento no CAPS ad a substância psicoativa mais usada era o crack. A idade de aumento de uso da substância foi entre 21 e 30 anos. Os pacientes acolhidos no CAPS ad já vinham de outros tratamentos. A aderência ao tratamento está em 30 dias. Os pacientes não possuem, em sua maioria, doenças pré-existentes, nem envolvimento com a justiça por uso de drogas. A grande maioria dos pacientes está desempregada.

b) Quanto à escolaridade e ao fracasso escolar: todos os entrevistados durante o ensino fundamental estudaram em escolas municipais e estaduais. Entre 8 dos 10 entrevistados as repetências ocorreram entre 1 ano e 5 anos. A evasão escolar foi na faixa etária dos 10 aos 16 anos e entre a 6ª e a 7ª séries. Nessas idades e séries 8 dos 10 pacientes entrevistados faziam uso de substâncias lícitas e ilícitas. As primeiras substâncias psicoativas usadas foram o álcool, a maconha e a cocaína.

c) As possíveis causas do fracasso escolar: 8 dos entrevistados consideraram primeiramente o uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. O início precoce do uso da substância psicoativa, desfavorece a atenção para com o aprendizado, a novidade na vida do jovem o leva a buscar outras experiências, juntamente com o grupo ao qual passa a pertencer, o grupo que faz uso da droga.

d) Contatou-se que os entrevistados sentiam-se culpados quanto à repetência e à evasão escolar. Além do uso de substância psicoativa, o não gostar de estudar, gazar as aulas, ser arruaceiro, não possuir atenção na sala de aula, ser inquieto, são verbalizações consideradas relevantes pelos entrevistados como causa para o fracasso na escola. A escola, os professores e sua didática não foram responsabilizados como possibilidade para as repetências e a evasão da escola.

e) A progressão do uso de substância psicoativa lícita como o álcool e ilícita como a maconha para substância psicoativa pesada como o crack.

f) A mãe é o familiar que permanece ao lado do paciente, quem dele cuida e acolhe. Em decorrência dos anos de abuso de substâncias psicoativas a desestruturação familiar é relevante, separações maritais e parentais fazem parte deste quadro.

g) Quanto ao histórico familiar de dependências há prevalência dos familiares com o uso de drogas lícitas e ilícitas. São pais, mães, irmãos, tios, primos que fazem uso de álcool, maconha, cocaína e crack. O que preconiza a iniciação dos jovens ao

uso de drogas, por considerarem muitas vezes como natural usar maconha ou álcool devido aos familiares tolerarem e as consumirem no ambiente familiar.

h) Entre 8 dos 10 entrevistados a repetência esteve presente durante o ensino fundamental e para alguns foram várias repetências. Nesse período o que fez a família e a escola para ajudar o jovem? Quando o jovem repete dois anos no ensino fundamental e outro repete várias séries somando cinco anos, onde estão os pais, os professores, a escola com o apoio pedagógico? O jovem necessita de maiores cuidados na escola quando da estruturação do seu aprendizado, bem como da família que não deve se descuidar dos comportamentos e atitudes vistas como normais no desenvolvimento do adolescente.

i) O desemprego prevalece entre os usuários de substâncias psicoativas do CAPS ad. O abandono precoce da escola desfavorece o labor, trazendo dificuldades sócio-econômicas ao indivíduo e sua família.

Os resultados listados acima confirmam o objeto deste estudo: que o fracasso escolar está intimamente ligado ao início de uso de substâncias psicoativas nessa população estudada. Os resultados sugerem que mais pesquisas devam ser realizadas nesta área, que possam embasar a necessidade da prevenção primária na escola e no meio familiar.

A família e a escola convivem com o jovem em diferentes contextos e, devido a essa proximidade, as trocas constantes devem ser estimuladas entre essas instituições, contribuindo para uma maior compreensão das reais necessidades e possibilidades de cada jovem. Uma abordagem integrada pressupõe uma interação entre os pais e os profissionais da educação que dirijam um olhar singular ao jovem, adequando seus métodos para uma efetiva aprendizagem.

De acordo com tais considerações, os resultados do estudo sinalizam para a potencialidade da temática investigativa inferindo para a importância da continuidade do estudo iniciado nesta investigação. Há necessidade da proximidade entre a escola e a família através do cuidado com o jovem e, também, da sociedade estar predisposta a buscar modos de combater veementemente o uso e o abuso de substâncias psicoativas pelos jovens estudantes do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria L. de A. **Filosofia da educação**. 3 ed. São Paulo, SP: Moderna, 2006.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Trad. André de Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível, volume I: hospitalidade, direito e dever de todos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1994.
- BORINI, P.; SILVA, C. O.. Aspectos demográficos, epidemiológicos e sociais do alcoolismo: uma análise de alcoolistas internados em hospital psiquiátrico. **Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria e Associação Psiquiátrica da América Latina**. São Paulo, v.11, n. 3, p. 89-96, jul/ago/set, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. 10 ed. (Org.) Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretária de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial / Ministério da Saúde. Brasília, 2004.
- CÂMARA, Martial de M.; TAMBELLINI, Ana Maria T.; ROSELI-CRUZ, Amadeu. Trabalho, abuso de drogas e os aparelhos ideológicos do estado: um estudo com alunos do ensino médio e fundamental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2010.
- CAVALCANTE, Antonio Mourão. **Droga: esse barato sai caro: os caminhos da prevenção**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2003.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. 2 ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.
- DIEHL, Alessandra; CORDEIRO Daniel Cruz; LARANJEIRAS Ronaldo. **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- EIZIRIK, Marisa F. **Michel Foucault: um pensador do presente**. 2 ed. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2005.

FICHTNER, Nilo (org.). **Prevenção, Diagnóstico e Tratamento dos Transtornos Mentais da Infância e da Adolescência**: um enfoque desenvolvimental. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia para todos**: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. Tradução de Antônio Estevão Allgayer. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREITAG, Bárbara. **Itinerários de Antígona**: a questão da moralidade. 4 ed. São Paulo: Papirus, 1992.

GATTI, Bernadete A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

GOMES, Maria T. U. **Direito humano à educação e políticas públicas**. Curitiba: Juruá Editora, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Os Pensadores; Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**: parte I. 13 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

HUTZ, Cláudio S. (org.). **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência**: aspectos teóricos e estratégicos de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 3 ed. São Paulo: Editora UNIMEP, 2002.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. São Paulo: Iluminuras, 2009.

LEWIS, Melvin. **Tratado de Psiquiatria da Infância e Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estruturas e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, Heloisa H. T. S. **Metodologia Qualitativa de pesquisa**. Educação e pesquisa. São Paulo, v. 30, n.2, p 289-300, maio/ago, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>. Acesso em 01 de abril de 2012.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

MORANDI, Franc. **Introdução à Pedagogia**. São Paulo: Ática, 2008.

MOREIRA, Ivanilde. **Fracasso escolar e interação professor-aluno**. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

MUZA, Gilson M.; BETIOL, H.; MUCCILLO, G.; BARBIERI, M. A.. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil): prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 31 n. 1, p. 21-29, 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

OSÓRIO, Luiz C. **Adolescente hoje**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PASCAL, Georges. **O pensamento de Kant**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

PÁDUA, Elisabete M. Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 10 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PATTO, Maria H. S. **Introdução à psicologia escolar**. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

PECORARO, Rossano (org). **Os Filósofos**: Clássicos da Filosofia. Ed. da PUC-RJ; Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças**: fragmentos de uma sociologia do fracasso. 2 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

RAMOS, Sérgio de Paula et al. **Alcoolismo Hoje**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

REALE, Giovanni. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulinas, 1990.

SCHUCKIT, Marc. **Abuso de álcool e drogas: uma orientação clínica ao diagnóstico e tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SECRETARIA NACIONAL ANTI-DROGAS - SUPERA – Sistema para Detecção do Uso Abusivo e Dependência de Substância Psicoativas: Encaminhamento, Intervenção breve, Reinserção Social e Acompanhamento: Módulo 3 – **Detecção do uso abusivo e diagnóstico da dependência de substâncias psicoativas.** Brasília, 2006.

SECRETARIA NACIONAL ANTI-DROGAS - SUPERA – Sistema para Detecção do Uso Abusivo e Dependência de Substância Psicoativas: Encaminhamento, Intervenção breve, Reinserção Social e Acompanhamento: Módulo 6 – **As Redes comunitárias e de saúde no atendimento aos usuários e dependentes de substâncias psicoativas.** Brasília, 2011.

SECRETARIA NACIONAL ANTI-DROGAS. **Prevenção ao uso indevido de drogas:** Curso de Capacitação para Conselheiros Municipais. Brasília: Presidência da República, 2008.

SECRETARIA NACIONAL ANTI-DROGAS. **Prevenção ao uso indevido de drogas:** Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias. 3 ed.- Brasília: Presidência da República, 2010.

SILVA, D. R. Q.. **“Fracasso” escolar: que lugar é esse?** Psicanálise e Educação. Porto Alegre: Evangrap, 2005.

SIMÃO, M. O.; ANDRADE, A. G. de; REZENDE, Celi B. de. Avaliação do programa de atendimento a alcoolistas no Hospital Prof. Cantídio de Moura Campos: Janeiro de 1986 a janeiro de 1988. **Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria e Associação Psiquiátrica da América Latina.** São Paulo, v. 11, n. 4, p. 133-140, out/nov/dez, 1989.

SZYMANSKI, Heloísa Gomes. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** Brasília, DF: Líber Livro, 2004.

TIBA, I. **Juventude & drogas: anjos caídos.** São Paulo: Integrare, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2008.

UNILASALLE. **Mestrado em Educação: Linha de Pesquisa – Gestão, Educação e Políticas Públicas.** Disponível em: <http://www.unilasalle.edu.br/canoas/pagina.php?id=758>. Acesso em 07 de jun. de 2012.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Pesquisa em educação: a observação.** Série Pesquisa em Educação, v. 4, Brasília, 2003.

VIDAL, Carlos E. L.; POSSA, Nelma C. L.; RIBEIRO JUNIOR, R. M.. Prevalência do alcoolismo no Hospital Geral. **Informação Psiquiátrica**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 89-91, jul/ago/set, 1993.

**APÊNDICE A – Termo de consentimento para realização do estudo na
CAPS ad
TERMO DE AUTORIZAÇÃO**



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
MUNICÍPIO DE CANOAS
Secretaria Municipal de Saúde

DIRETORIA DE POLÍTICAS E AÇÕES E SAÚDE MENTAL

TERMO DE CONSENTIMENTO

DECLARO que a funcionária do CAPS ad Nordeste, Dores Marks, psicóloga, está autorizada a realizar pesquisa "Fracasso escolar: estudo com dependentes de substâncias psicoativas", nas dependências do CAPS, com os pacientes, através de pesquisa semi estruturada, desde que os mesmos assinem Termo de Consentimento Individual e, respeitando o sigilo e a ética.

Canoas, 04 de abril de 2012.

Rosane Alves Kahn
Diretora DPASM

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido para os participantes da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA OS PACIENTES

Prezado Paciente!

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar de ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com o responsável pela pesquisa. Obrigada pela atenção, compreensão e apoio.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, residente e domiciliado _____, portado da Carteira de Identidade, RG _____, nascido em ___/___/_____, concordo de livre e espontânea vontade em participar da pesquisa *Fracasso escolar: estudo com dependentes de substâncias psicoativas no CAPS AD Nordeste na cidade de Canoas – RS.*

Declaro, que fui informado de forma clara e detalhada, sobre o problema investigativo, o qual esta formulado do seguinte modo: *Existe a possibilidade do fracasso escolar, em usuários do CAPS AD, estar relacionado ao início do uso de substâncias psicoativas?*

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1º - Foram explicadas as justificativas e os objetivos da pesquisa.

O objetivo geral da pesquisa é **analisar a ocorrência de fracasso escolar em pacientes do CAPS AD e da possibilidade de relacionar este fracasso ao início do uso de substâncias psicoativas**. Quanto aos objetivos específicos, destacam-se: a) Identificar na história de vida do paciente do CAPS AD os fatores que possam ter contribuído para o fracasso escolar; b) Relacionar o início do uso de drogas como possível causa do fracasso escolar.

O campo de estudo escolhido é o CAPS AD Nordeste, situado no bairro Igara na cidade de Canoas – RS.

2º - Foram explicados os procedimentos que serão utilizados, conforme expressos a seguir. A coleta de dados será realizada através de entrevista semi-estruturada contendo algumas questões estabelecidas e outras que serão acrescentadas no decorrer da entrevista. Também se procederá à análise documental, através dos prontuários pertencentes ao arquivo do local.

3º - Foi dada garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa. Foi esclarecido que se tiver novas perguntas sobre este estudo, ou se pensar que houve algum prejuízo pela minha participação nesse estudo, poderei conversar com a pesquisadora responsável Dóres Délia Marks.

4º - Fui informado que a pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola, do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário La Salle (Unilasalle).

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa, tendo total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo.

Aceito participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa a utilização dos dados registrados desde que seja preservado o caráter confidencial tanto da minha identidade quanto das informações oferecidas.

Desse modo, acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que leram para mim, descrevendo o estudo.

Ficaram claros para mim quais os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas.

A minha assinatura neste Consentimento Livre e Esclarecido dará autorização à pesquisadora responsável pelo estudo de utilizar os dados obtidos quando se fizer necessário, incluindo a divulgação dos mesmos, sempre preservando minha privacidade. Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Canoas, _____, _____ de 2012 (dia, mês).

Assinatura do Paciente

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista semi-estruturada para participantes da pesquisa

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS PESSOAIS:

Nome (letras iniciais):

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Reside com:

Grau de instrução:

DADOS SOBRE A VIDA ESCOLAR:

- 1) Estudou em escola municipal, estadual ou particular?
- 2) Como vivenciou o ambiente escolar nos primeiros anos do ensino fundamental?
(a relação com os colegas e professores)
- 3) Houve repetência? Se sim, em que série e idade? E o que você responsabilizaria pela questão da repetência?
- 4) Em que série do ensino fundamental e em que idade ocorreu a evasão ou o desligamento da escola? Nesse período como era o seu relacionamento na escola, em família e no geral?
- 5) Quando do período de evasão escolar fazia uso de alguma droga lícita ou ilícita? Qual?
- 6) Considera que a droga em questão possa tê-lo levado a evasão escolar?
- 7) Tens histórico familiar de dependência em drogas lícitas ou ilícitas? Qual? Quem fazia uso?
- 8) Considera que outras questões (não as drogas) possam tê-lo levado a sair da escola? Quais?
- 9) Quais as substâncias psicoativas que fez uso nos últimos meses?

APÊNDICE D – Roteiro Investigativo para participantes da pesquisa**ROTEIRO INVESTIGATIVO**

- 1) Acolhimento (mês/ano)
- 2) Procedência:
 - (1) Guajuviras
 - (2) São José
 - (3) São Luiz
 - (4) Igara
 - (5) Marechal Rondon
 - (6) Estância Velha
 - (7) Mathias Velho (Centro)
- 3) Sexo
 - (1) Masculino
 - (2) Feminino
- 4) Idade
 - (1) 12 a 20 anos
 - (2) 21 a 30 anos
 - (3) 31 a 40 anos
 - (4) 41 a 50 anos
 - (5) 51 ou mais
- 5) Estado Civil
 - (1) Solteiro
 - (2) Casado
 - (3) Separado/Divorciado
 - (4) Viúvo
 - (5) Outros
- 6) Grau de Instrução
 - (1) Analfabeto
 - (2) Ensino Fundamental Incompleto
 - (3) Ensino Fundamental Completo
 - (4) Ensino Médio Incompleto
 - (5) Ensino Médio Completo
 - (6) Ensino Superior Incompleto
 - (7) Ensino Superior Completo
 - (8) Outros
- 7) Reside com
 - (1) Família de origem
 - (2) esposa(o), companheira(o)
 - (3) Sozinho
 - (4) Abrigo Municipal

(5) Outros

8) História familiar de dependência

(1) Sim

(2) Não

9) Vínculo familiar ao tratamento

(1) Não há

(2) Comparece eventualmente

(3) Comparece sistematicamente

10) Comparece ao CAPS/AD por:

(1) livre iniciativa

(2) por influência de amigos/familiares

(3) ordem judicial

(4) encaminhado por unidade básica, hospital ou outra instituição

Tratamento

11) Idade de início do uso de SPA

(1) 0 a 10 anos

(2) 11 a 16 anos

(3) 17 a 24 anos

(4) 25 a 30 anos

(6) 31 a 40 anos

(7) 41 anos ou mais

12) Iniciou o uso de SPA com:

(1) Tabaco

(2) Álcool

(3) Maconha

(4) Inalantes

(5) Cocaína

(6) Crack

(7) Anfetaminas

(8) Hipnóticos/Sedativos

(9) Alucinógenos

(10) Opióide

(11) Outros

13) Substância que usa no momento do acolhimento

(1) Tabaco

(2) Álcool

(3) Maconha

(4) Cocaína

(5) Crack

(6) Outros

14) Idade de aumento do uso de SPA:

- (1) 15 a 20 anos
- (2) 21 a 30 anos
- (3) 31 a 40 anos
- (4) 41 a 50 anos
- (5) mais de 50 anos

15) Tratamentos anteriores

- (1) sim
- (2) não

16) Aderência ao tratamento

- (1) até 30 dias
- (2) 31 a 90 dias
- (3) 91 a 180 dias
- (4) 181 a 365 dias
- (5) mais de 365 dias

17) Comorbidades (doenças pré-existent)

- (1) sim
- (2) não

18) Fontes de prazer além de SPA

- (1) sim
- (2) não

19) Tem histórico de envolvimento judicial

- (1) sim
- (2) não

20) Vida laborativa

- (1) vínculo empregatício
- (2) desempregado
- (3) em benefício
- (4) outros